

Nova Escola Dominical

Os Meios de Graça (Pregação e Oração)

- 01** Como ouvir pregações. A pregação como instrumento cirúrgico da alma
- 02** Como ouvir pregações. O pregador e os ouvintes
- 03** Como ouvir pregações. Padrões de interpretação bíblica
- 04** Como ouvir pregações. A fé que uma vez por todas foi entregue aos santos
- 05** Como ouvir pregações. As exigências do pregador e a resposta dos ouvintes
- 06** Oração, vida na presença de Deus: Conceitos bíblicos
- 07** Oração, vida na presença de Deus: O Pai Nosso. As três primeiras petições
- 08** Oração, vida na presença de Deus: O Pai Nosso. As quatro últimas petições

Igreja Presbiteriana Central do Gama

*Misael B. Nascimento
Ivonete Silva*

1ª Edição - Agosto de 2005

Os Meios de Graça

Pregação e Oração

1ª Edição

Agosto de 2005

Copyright © 2005 Igreja Presbiteriana Central do Gama. Proibida a Reprodução sem autorização por escrito da IPCG.

Dedicatória

A Deus, Supremo Benfeitor, que nos elegeu para a salvação e nos chamou para a comunhão com Ele, fornecendo-nos seus preciosos meios de graça.

Copyright©2005 Igreja Presbiteriana Central do Gama.

As citações bíblicas foram retiradas da seguinte obra:
A Bíblia de Estudo de Genebra Versão Revista e Atualizada no Brasil
Tradução de João Ferreira de Almeida

Capa: Misael Nascimento
Editoração: Misael Nascimento e Ivonete Silva
Revisão: Ivonete Silva
1ª Edição — 2005

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)
Igreja Presbiteriana Central do Gama, 2005
Os Meios de Graça: Pregação e Oração. Exemplar do Discípulo.
Brasília, DF: Agosto de 2005.

1. Cristianismo 2. Espiritualidade 3. Meios de Graça
4. Pregação 5. Oração

Sumário

Introdução	1
01. Como ouvir pregações. A pregação como instrumento cirúrgico da alma.....	3
02. Como ouvir pregações. O pregador e os ouvintes	11
Como ouvir pregações. Padrões de interpretação bíblica.....	15
04. Como ouvir pregações. A fé que uma vez por todas foi entregue aos santos	21
05. Como ouvir pregações. As exigências do pregador e a resposta dos ouvintes.....	25
06. Oração, vida na presença de Deus: Conceitos bíblicos	31
07. Oração, vida na presença de Deus: O Pai Nosso: As três primeiras petições	39
08. Oração, vida na presença de Deus: O Pai Nosso: As quatro últimas petições	49
Conclusão.....	54
Bibliografia.....	55

Escola Dominical: Capacitação para o Crescimento

Este volume dá continuidade aos estudos iniciados no módulo anterior, sobre os meios de graça. A espiritualidade baseada no uso dos meios de graça não é nenhuma novidade, mas uma prática enraizada nos crentes do Antigo e Novo Testamentos, nos pais primitivos e nos cristãos reformados. Ela se destaca por ser simples: o crescimento na graça e conhecimento do Senhor não depende de estratégias ou prática sofisticadas, basta utilizar os meios designados pelo próprio Deus, disponíveis para todos os eleitos.

Atualmente, porém, pululam novas visões e propostas de espiritualidade. A oração é concebida em termos supersticiosos, a santidade é vista ora como produto do acatamento de regras externas, ora como resultado de experiências místicas absolutamente subjetivas. A alegria espiritual autêntica é confundida com estados emocionais produzidos em ambientes manipulados. Todos querem resultados rápidos, transformação total em um final de semana, cura interior em um seminário de meio expediente. As pessoas têm pouco tempo, não há como dedicar-se à leitura ou estudos bíblicos, à meditação ou oração, nem ao contato uns com os outros, na vida diária da igreja. Para essa geração, o ensino sobre os meios de graça pode parecer um anacronismo.

A questão é que o cristianismo presente produz crentes deficientes, imaturos e egocêntricos, bíblicamente analfabetos, doutrinária e moralmente confusos e fracos no testemunho. Os meios de graça estão sendo desconsiderados e a igreja sofre. Por isso, uma vez que objetivamos ser discípulos qualificados (maduros e reprodutivos), nadamos contra a maré; estamos dispostos a aprender sobre os meios de graça e a praticá-los, para a glória de Deus.

Utilize bem o material que você tem em mãos; não deixe passar essa oportunidade de aprendizado espiritual. Estude em casa e discuta os assuntos com seus familiares, durante a semana. Forme grupos de pesquisa com seus colegas e aprofunde-se nos temas. Em classe, tire as dúvidas com seus professores (faça perguntas), reflita sobre as implicações dos conceitos e não tenha vergonha de interagir positivamente. Enfim, aproveite a Escola Dominical.

Oro para que esse material o auxilie a conhecer melhor os recursos que Deus nos concede para amá-lo e servi-lo.

Rev. Misael

Como ouvir pregações. A pregação como instrumento cirúrgico da alma

01

Objetivos para o Discipulador

- O discipulador ama e adora ao Senhor, a partir da compreensão de *que a pregação é o centro do culto e, principal meio para converter os pecadores e edificar os discípulos.*
- O discipulador conduz, *no poder do Espírito Santo*, o discípulo à compreensão dessas verdades.

Objetivos para o Discípulo

- O discípulo aprende os conceitos de pregação e de pregador.
- O discípulo aprende quais são os objetivos e a fonte da pregação.
- O discípulo compreende que a pregação é o *principal meio usado por Deus* para converter os pecadores e edificar os santos.
- O discípulo compreende que o poder das chaves do reino dos céus é exercido *em nome* da pregação.
- O discípulo *responde a esses ensinamentos* com amor pela pregação, valorizando-a como *elemento principal do culto.*

Sugestão de passos para o encontro:

(1) Conversa inicial; (2) Leitura devocional em 2Tm 4.1-8; (3) Cântico do Hino 352; (4) Estudo Bíblico; (5); Oração (6) Verificação de memorização do versículo; (7) Oração final

Introdução

Finalizamos o último módulo falando das Escrituras como meio de graça, percorrendo a trilha da leitura, estudo individual, meditação e estudo conjunto. Hoje trataremos da pregação, o meio estabelecido pelo Senhor para gerar, suprir e abençoar sua igreja. A pregação trata de uma outra forma de desfrute dos meios de graça: o “ouvir”. Especificamente, os discípulos precisam aprender a ouvir pregações, por duas razões:

- Deus gera, desperta e mantém a fé através da audição de pregações. Você verá que é relativamente fácil estar sentado em um lugar de culto escutando a pregação. Escutar é uma coisa, ouvir é outra. Quando ouvimos de fato, Deus fala aos nossos

corações e produz transformações. Quanto mais aprendemos a ouvir, mais a fé é fortalecida. Cristãos de pouca fé são, normalmente, aqueles que não sabem ouvir pregações.

- Nos dias atuais, ouvimos muitas falas religiosas que são denominadas erroneamente de pregações. Uma pregação não é um discurso religioso qualquer. A pregação é uma comunicação qualificada, como veremos adiante. A maior parte do que ouvimos em programas evangélicos de rádio ou vemos nos programas religiosos transmitidos pela TV não é pregação. Parece mesmo que o tempo presente é carente de verdadeira pregação; por isso é urgente que saibamos distinguir os falsos produtos do verdadeiro. Identificar e desfrutar da verdadeira pregação é um desafio e privilégio dos discípulos maduros e reprodutivos.

Nossa Fé

Como a Palavra se torna eficaz para a salvação? O Espírito de Deus torna a leitura, e especialmente a pregação da Palavra, um meio eficaz para iluminar, convencer e humilhar os pecadores; para lhes tirar toda confiança em si mesmos e os atrair a Cristo; para os conformar à sua imagem e os sujeitar à sua vontade; para os fortalecer contra as tentações e corrupções; para os edificar na graça e estabelecer os seus corações em santidade e conforto mediante a fé para a salvação.

Catecismo Maior, pergunta 155.

No catolicismo romano, o centro da liturgia é a *missa* ou consagração dos elementos da eucaristia. Nas igrejas pentecostais ou neopentecostais, são destacados os *sinais e maravilhas* (curas, exorcismos ou testemunhos de conquistas materiais ou espirituais). Nas igrejas reformadas a *pregação ocupa lugar central* (Deus comunica graça “especialmente” através da pregação). Os cristãos bíblicos compõem aos cultos com a expectativa de serem iluminados, convencidos, humilhados, restaurados, transformados, fortalecidos e edificados através da Palavra pregada.

Além disso, por eles se **admoesta** o teu servo; em os **guardar**, há grande recompensa. Sl 19.11.

Estou afitíssimo; **vivifica-me**, SENHOR, segundo a tua **palavra**. Sl 119.107.

Porque, assim como descem a chuva e a neve dos céus e para lá não tornam, sem que primeiro reguem a terra, e a fecundem, e a façam brotar, para dar semente ao semeador e pão ao que come, assim será a **palavra** que sair da minha **boca**: não voltará para mim vazia, mas **fará** o que me apraz e **prosperará** naquilo para que a designei. Is 55.10-11.

Não é a minha palavra **fogo**, diz o SENHOR, e **martelo** que esmiúça a penha? Jr 23.29.

Mas graças a Deus porque, outrora, escravos do pecado, contudo, viestes a **obedecer** de coração à forma de **doutrina** a que fostes entregues. Rm 6.17.

Como, porém, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem **pregue**? E como pregarão, se não forem enviados? Como está escrito: Quão formosos são os pés dos que anunciam coisas boas! Mas nem todos obedeceram ao **evangelho**; pois Isaías diz: Senhor, quem acreditou na nossa **pregação**? E, assim, a **fé** vem pela **pregação**, e a **pregação**, pela **palavra** de Cristo. Rm 10.14-17.

Porque as armas da nossa milícia não são carnis, e sim **poderosas** em Deus, para **destruir** fortalezas, anulando nós sofismas e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo **pensamento** à **obediência** de Cristo. 2Co 10.4-5.

E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres, com vistas ao **aperfeiçoamento** dos santos para o desempenho do seu serviço, para a **edificação** do corpo de Cristo, Ef 4.11-12.

Embracando sempre o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do Maligno. Tomai também o capacete da salvação e a **espada** do **Espírito**, que é a **palavra** de Deus. Ef 6.16-17.

O qual nós anunciamos, advertindo a todo homem e **ensinando** a todo homem em toda a **sabedoria**, a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo. Cl 1.28.

E enviamos nosso irmão Timóteo, ministro de Deus no evangelho de Cristo, para, em benefício da vossa fé, confirmar-vos e **exortar-vos**. (...) A fim de que seja o vosso coração confirmado em santidade, isento de culpa, na presença de nosso Deus e Pai, na vinda de nosso Senhor Jesus, com todos os seus santos. 1Ts 3.2, 13.

Porque a **palavra** de Deus é **viva**, e **eficaz**, e mais **cortante** do que qualquer **espada** de dois gumes, e **penetra** até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é **apta** para **discernir** os pensamentos e propósitos do coração. Hb 4.12.

Conceitos de Pregação e Pregador

Uma pregação é uma *mensagem bíblica entregue por um pregador divinamente comissionado*.

Nossa Fé

Por quem a Palavra de Deus deve ser pregada? A Palavra de Deus deve ser pregada somente por aqueles que têm dons suficientes, e são devidamente aprovados e chamados para o ministério. Catecismo Maior, pergunta 158.

De acordo com o Novo Testamento, *todos os cristãos devem evangelizar*. Nesse sentido, lemos em At 8.4, que os crentes que foram espalhados pela perseguição “iam por toda a parte pregando a palavra”. O termo grego usado aqui é εὐαγγελίζομενοι, *evagelizomenoi*, evangelizando, ou melhor, divulgando as boas-novas da Palavra. Cada seguidor do Senhor pode falar de Deus individualmente ou em grupos pequenos, convidando, trazendo e acompanhando o desenvolvimento de pessoas até estas estarem plenamente integradas na igreja, enfim, atuando

como distribuidores das bênçãos da salvação.

Outros, porém, são especialmente incumbidos do *ministério público de pregação*. Assim lemos em 2Tm 4.2: “prega a palavra”. O termo grego utilizado aqui é κήρυξον, *keruson*, literalmente, “anunciar como um arauto”. Um pregador é, prioritariamente, alguém *chamado por Deus* – separado pelo Senhor para anunciar como embaixador. Ele recebe de Deus os dons necessários, ou seja, *seu serviço é realizado no poder e capacidade do Espírito Santo*. Ele é ainda *aprovado*, o que quer dizer que tanto seu caráter como os resultados de seu trabalho comprovam que ele é escolhido por Deus para a pregação pública. Em suma, *na Igreja Cristã todos pregam informalmente, evangelizando e somente alguns pregam publicamente, como arautos comissionados do Senhor*.

Isso não significa que somente os pastores ordenados podem pregar publicamente. Os pastores-mestres são os bispos ou supervisores das igrejas, responsabilizando-se por todo o serviço da Palavra. No entanto, isso não impede que estes mesmos pastores deleguem autoridade para outros irmãos ou irmãos, também comissionados, para a pregação. Assim sendo, nas igrejas reformadas, há espaço para pregações dos presbíteros, diáconos, homens, mulheres e jovens dotados pelo Espírito Santo e chamados para essa maravilhosa função.

A mim me veio, pois, a **palavra** do SENHOR, dizendo: .Antes que eu te formasse no ventre materno, eu te conheci, e, antes que saíesses da madre, te consagrei, e te constituí **profeta** às nações. Então, lhe disse eu: ah! SENHOR Deus! Eis que não sei falar, porque não passo de uma criança. Mas o SENHOR me disse: Não digas: Não passo de uma criança; porque a todos a quem eu te enviar irás; e tudo quanto eu te **mandar** falarás. Jr 1.4-7.

Não **mandei** esses **profetas**; todavia, eles foram **correndo**; não lhes falei a eles; contudo, **profetizaram**. Jr 23.21.

Porque os **lábios** do **sacerdote** devem **guardar** o **conhecimento**, e da sua

boca devem os homens procurar a **instrução**, porque ele é **mensageiro** do SENHOR dos Exércitos. Ml 2.7.

No dia seguinte, partimos e fomos para Cesaréia; e, entrando na casa de Filipe, o evangelista, que era um dos sete, ficamos com ele. Tinha este quatro **filhas** donzelas, que **profetizavam**. At 21.8-9.

E como **pregarão**, se não forem enviados? Como está escrito: Quão formosos são os pés dos que **anunciam** coisas boas! Rm 10.15.

Toda **mulher**, porém, que ora ou **profetiza** com a cabeça sem véu desonra a sua própria cabeça, porque é como se a tivesse rapada. 1Co 11.5.

A uns estabeleceu Deus na igreja, primeiramente, apóstolos; em segundo lugar, **profetas**; em terceiro lugar, mestres; depois, operadores de milagres; depois, dons de curar, socorros, governos, variedades de línguas. Porventura, são todos apóstolos? Ou, todos profetas? São todos mestres? Ou, operadores de milagres? 1Co 12.28-29.

Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas **testemunhas** tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra. At 1.8.

Entrementes, os que foram dispersos iam por toda parte **pregando** a **palavra**. At 8.4.

Com efeito, vos tornastes **imitadores** nossos e do Senhor, tendo recebido a **palavra**, posto que em meio de muita tribulação, com alegria do Espírito Santo, de sorte que vos tornastes o modelo para todos os crentes na Macedônia e na Acaia. Porque de vós **repercutiu** a **palavra** do Senhor não só na Macedônia e Acaia, mas também por toda parte se divulgou a vossa fé para com Deus, a tal ponto de não termos necessidade de acrescentar coisa alguma. 1Ts 1.6-8.

Objetivos da Pregação

O objetivo maior da pregação é *glorificar a Deus*, que é honrado quando a sua Palavra é anunciada com fidelidade.

Além disso, a pregação visa produzir resultados espirituais e práticos nas vidas dos ouvintes. A Escritura é anunciada sempre para *declarar a justiça e o amor de Deus no Evangelho, converter, ensinar, repreender, corrigir e educar na justiça.*

Fontes da Pregação

A base da verdadeira pregação é a Palavra de Deus. *Pregar é, essencialmente, proclamar as verdades de Deus provindas da Bíblia.* As idéias pessoais do pregador, experiências místicas, histórias, crônicas ou acontecimentos cotidianos não devem ocupar o centro de uma pregação. A verdadeira pregação ocorre quando o pregador anuncia um texto bíblico, explica-o e aplica-o ao povo. “Sermões” que na verdade não são bíblicos são meramente discursos humanos.

Mas, se tivessem estado no meu **conselho**, então, teriam feito ouvir as minhas **palavras** ao meu povo e o teriam feito voltar do seu mau caminho e da maldade das suas ações. Jr 23.22.

Tenho ouvido o que dizem aqueles profetas, proclamando mentiras em meu nome, dizendo: Sonhei, sonhei. Até quando sucederá isso no coração dos profetas que proclamam mentiras, que proclamam só o engano do próprio coração? Os quais cuidam em fazer que o meu povo se esqueça do meu nome pelos seus sonhos que cada um conta ao seu companheiro, assim como seus pais se esqueceram do meu nome, por causa de Baal. O profeta que tem sonho conte-o como apenas sonho; mas aquele em quem está a minha **palavra** fale a minha palavra com **verdade**. Que tem a palha com o trigo? – diz o SENHOR. Jr 23.25-28.

Eis que eu sou **contra** esses profetas, diz o SENHOR, que pregam a sua **própria** palavra e afirmam: Ele disse. Eis que eu sou contra os que profetizam sonhos **mentirosos**, diz o SENHOR, e os contam, e com as suas mentiras e leviandades fazem errar o meu povo; pois eu não os **enviei**, nem lhes dei **ordem**; e também **proveito**

nenhum trouxeram a este povo, diz o SENHOR. Jr 23.31-32.

Isso não significa que o pregador deva se isolar da cultura ou dos acontecimentos vigentes. O fato é que o mensageiro fiel obtém sua inspiração primeiramente das Escrituras.

A Pregação e as Chaves do Reino do Céu

Os pregadores exercem o uso das chaves do reino do céu. Quando o Evangelho é pregado, Deus opera com poder, abrindo os céus para os que dão ouvidos, se arrependem e crêem e fechando-o aos desobedientes.

Respondendo Simão Pedro, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo. Então, Jesus lhe afirmou: Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelaram, mas meu Pai, que está nos céus. Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Dar-te-ei as **chaves** do reino dos céus; o que **ligares** na terra terá sido **ligado** nos céus; e o que desligares na **terra** terá sido desligado nos **céus**. Mt 16.16-19.

A seguir, Jesus lhes disse: São estas as palavras que eu vos falei, estando ainda convosco: importava se cumprisse tudo o que de mim está **escrito** na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos. Então, lhes abriu o **entendimento** para compreenderem as **Escrituras**; e lhes disse: Assim está escrito que o Cristo havia de padecer e ressuscitar dentre os mortos no terceiro dia e que em seu nome se pregasse arrependimento para remissão de pecados a todas as nações, começando de Jerusalém. Vós sois testemunhas destas coisas. Eis que envio sobre vós a promessa de meu Pai; permaneçei, pois, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder. Lc 24.44-49.

E, havendo dito isto, **soprou** sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo. Se de alguns perdoardes os pecados,

são-lhes perdoados; se lhos retiverdes, são retidos. Jo 20.22-23.

Ora, tudo provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação, a saber, que Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões, e nos **confiou** a **palavra** da reconciliação. De sorte que somos embaixadores em nome de Cristo, como se Deus exortasse por nosso intermédio. Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis com Deus. 2Co 5.18-20.

Das chaves do Reino do Céu. Quanto às chaves do Reino de Deus, que o Senhor entregou aos apóstolos, muitos tagarelam inúmeras coisas espantosas, e com elas forjam espadas, lanças, cetros e coroas, e pleno poder sobre os maiores reinos, e, afinal, sobre almas e corpos. Julgando de modo singelo, segundo a Palavra do Senhor, dizemos que todos os que são legitimamente chamados ministros possuem e exercem as chaves, ou o uso das chaves, quando anunciam o Evangelho; isto é, quando ensinam, exortam, confortam, repreendem e exercem a disciplina sobre o povo confiado aos seus cuidados.

Abrir e fechar (o Reino). Desse modo abrem o Reino dos Céus aos obedientes e o fecham aos desobedientes. O Senhor prometeu essas chaves aos apóstolos em Mat, cap. 16, e as deu em João, cap. 20, Marcos, cap. 16 e Lucas, cap. 24, quando enviou seus discípulos e os mandou pregar o Evangelho a todo o mundo, e perdoar pecados.

O ministério da reconciliação. Na carta aos Coríntios diz o apóstolo que o Senhor deu o ministério da reconciliação aos seus ministros (II Co 5.18 ss). E ele explica qual é ele, dizendo que é a pregação ou o ensino da reconciliação. E, tornando suas palavras ainda mais claras, acrescenta que os ministros de Cristo desempenham o ofício de embaixadores em nome de Cristo, como se Deus mesmo por meio deles exortasse o povo a se reconciliar com Deus, sem dúvida nenhuma pela fiel obediência. Portanto, exercem o poder das chaves quando persuadem os homens à fé e ao arrependimento. Assim, reconciliam os homens com Deus.

Os ministros proclamam a remissão de pecados. Assim, eles perdoam pecados. Abrem, assim, o Reino dos Céus e nele introduzem os crentes: mui diferentemente daqueles de quem o Senhor fala no Evangelho: “Ai de vós, intérpretes da lei! porque tomastes a chave da ciência; contudo, vós mesmos não entrastes e impedistes os que estavam entrando” (Luc 11.52).

Como os ministros absolvem. Os ministros, portanto, absolvem correta e eficazmente quando pregam o Evangelho de Cristo e nele a remissão de pecados, que é prometida a todo aquele que crê, assim como cada um é batizado, e quando testificam que ela pertence a cada um particularmente. E não julgamos que esta absolvição se torne mais eficaz por ser murmurada no ouvido de alguém ou individualmente sobre a cabeça de alguém. Pensamos, contudo, que a remissão de pecados pelo sangue de Cristo deve ser diligentemente anunciada, e que cada um deve ser avisado de que o perdão de pecados lhe pertence.

Heinrich Bullinger, *Segunda Confissão Helvética*.

No catolicismo romano, o conceito de “chaves do reino” está ligado à *sucessão apostólica ou liderança papal*: O papa, como vigário de Deus e sucessor do apóstolo Pedro, possui as chaves do Reino dos Céus. Isso significa que, quem estiver dentro da Igreja Católica pertence ao reino, quem estiver fora, está excluído do reino. Essa interpretação é rejeitada pelos cristãos evangélicos.

No meio evangélico, há quem afirme que os termos “ligar” e “desligar”, de Mt 16.19 e 18.18-19 devem ser aplicados à *oração de intercessão*. Alguns vinculam o “ligar” e “desligar” à confissão positiva, de modo que, se um cristão (preferencialmente em concordância com outros) “determinar” algo aqui na terra, isso será efetivado na esfera celestial — e efetivamente realizado. Tal interpretação é atraente, principalmente por causa da aparente vinculação, em Mt 18.18-19, do ato de “ligar” e “desligar” com a oração.

A interpretação reformada, porém, defende que o “ligar” e “desligar” tem a ver com a *pregação e aplicação do Evangelho*. No texto de Mt 18, citado acima, refere-se não à oração propriamente dita, mas ao ato de exclusão de um membro da igreja que

Como ouvir pregações. O pregador e os ouvintes 02



Objetivos para o Discipulador

- O discipulador *desfruta* da pregação, através das *posturas e comportamentos adequados*.
- O discipulador adora ao Senhor e *suplica a iluminação do Espírito Santo para auxiliar* o discípulo a compreender as posturas do pregador e dos ouvintes.
- O discipulador *estimula* o discípulo, a desfrutar da pregação através das *posturas e comportamentos aprendidos neste estudo*.

Objetivos para o Discípulo

- O discípulo aprende as *posturas e comportamentos* de um pregador *segundo a Escritura*.
- O discípulo aprende quais as *posturas e comportamentos que se deve ter ao ouvir uma pregação*.
- O discípulo *desfruta* da pregação *através das posturas e comportamentos aprendidos neste estudo*.

Sugestão de passos para o encontro:

(1) Conversa inicial; (2) Leitura devocional em 119. 105-120; (3) Cântico do Hino 350 (4) Estudo Bíblico; (5); Oração (6) Verificação de memorização do versículo; (7) Oração final.

Introdução

Havendo considerado os conceitos fundamentais da pregação, é o momento de verificar quais as posturas e comportamentos exigidos daqueles que participam do processo de comunicação da Palavra de Deus. Temos, de um lado, o pregador e do outro, os ouvintes. O pregador elabora a mensagem e a transmite no culto. Os ouvintes, ao invés de simplesmente receberem passivamente aquilo que é dito, devem aprender a interagir com a pregação, realizando também algumas elaborações antes de responderem ao que é dito.

A Entrega da Pregação

Ao pregar, o mensageiro, horizontalmente, *serve aos homens*, providenciando o necessário para alimentar e abençoar as pessoas. Verticalmente, o pregador *adora a Deus*.

O mensageiro fala a Deus e em nome de Deus, e será castigado ou recompensado em virtude dessa entrega.

Assim diz o SENHOR Deus: Eis que eu estou **contra** os **pastores** e deles demandarei as minhas ovelhas; porei termo no seu **pastoreio**, e não se apascentarão mais a si mesmos; livrarei as minhas ovelhas da sua boca, para que já não lhes sirvam de pasto. Ez 34.10.

Assim, pois, importa que os homens nos **considerem** como **ministros** de Cristo e **despenseiros** dos **mistérios** de Deus. Ora, além disso, o que se requer dos despenseiros é que cada um deles seja encontrado fiel. 1Co 4.1-2.

Combati o bom combate, **completei** a carreira, guardei a fé. Já agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele Dia; e não somente a mim, mas também a todos quantos amam a sua vinda. 2Tm 4.7-8.

Ora, logo que o Supremo **Pastor** se manifestar, **recebereis** a imarcescível coroa da glória. 1Pe 5.4.

Essa solenidade da pregação exige algumas posturas e atitudes por parte do mensageiro:

- **Fidelidade doutrinária.** O pregador dever expor exatamente o ensino das Escrituras, nem mais, nem menos.
- **Diligência.** O pregador deve estudar com profundidade a Palavra, para oferecer aos ouvintes o melhor conteúdo bíblico. Ele precisa trabalhar para obter e organizar as informações da Bíblia, Precisa ainda orar extensamente pelo processo de ministração e pelos ouvintes. Precisa ainda dar o melhor de si durante a entrega da pregação, a fim de ser o melhor canal possível de transmissão das verdades de Deus. O pregador não pode ser leviano, negligente ou preguiçoso.

Devem ser considerados **merecedores** de dobrados honorários os **presbíteros** que presidem bem, com especialidade

os que se afadigam na **palavra** e no **ensino**. 1Tm 5.17.

- **Convicção e poder.** O mensageiro deve falar a verdade divina no poder do Espírito Santo, com convicção.
- **Abrangência bíblica.** O pregador não deve pregar apenas seus textos e temas prediletos, mas tem o compromisso de anunciar todo o ensino da Bíblia.
- **Sabedoria.** O pregador deve ser sensível às necessidades dos ouvintes, de modo que a mensagem toque em questões que precisam, de fato, ser tratadas e transformadas para a glória de Deus. Ele também precisa adequar sua linguagem e estilo aos seus ouvintes, tornando simples e compreensível o anúncio do Evangelho.
- **Zelo.** O pregador deve anunciar a mensagem movido pelo amor sincero a Deus e às pessoas. Ele deve pregar como se fosse a última coisa a fazer em sua vida, de modo urgente, argumentando da melhor forma possível, buscando converter, edificar e salvar os ouvintes. Suas palavras devem ser as mais belas, tremendas, memoráveis, puras, explosivas, cortantes e significativas possíveis. Ele deve anunciar a Escritura sabendo que aquela pode ser, realmente, a última oportunidade de falar de Cristo àqueles ouvintes. Realidades eternas estão em jogo. Orientando seus alunos pregadores, Charles Spurgeon, considerado um dos maiores pregadores da Inglaterra, afirmou: “devemos falar como se fôssemos advogados diante de um tribunal, e nossas vidas dependessem de nossas palavras”.
- **Reverência e seriedade.** A atitude do pregador deve ser de temor e adoração. Ele não é uma estrela do mundo artístico, nem um manipulador que domina o povo com sua eloquência. O pregador não é um palhaço. Piadinhas levianas para conquistar o povo são um artifício mundano e carnal. Isso não significa que não possa haver humor na pregação. Ítalo Calvino afirmou que “assim como a melancolia é a tristeza que se tornou leve, o humor é o cômico que perdeu peso corpóreo”. O humor bem utilizado dá leveza e eficiência à mensagem. Humor exagerado, do tipo que desvia a atenção dos ouvintes para leviandades, somente prejudica a pregação.
- **Sobriedade e humildade.** O pregador reconhece que é fraco e indigno e que pregar sempre é algo grandioso, sobrenatural e gracioso. Ele prega pela graça de Deus e reveste-se de singeleza, sobriedade e temor, reconhecendo que é um ser humano falível como os demais.
- **Equilíbrio emocional.** O púlpito não deve ser usado para descarregar as mágoas, ressentimentos e problemas do pregador. O mensageiro fiel não usa a palavra para atacar oponentes ou pregar em causa própria, nem para resolver problemas imediatos. O melhor em casos de problemas especiais é a conversa pessoal, a oração conjunta e a aplicação de Mt 18.15-20.
- **Coragem.** O verdadeiro pregador prioriza a obediência a Deus, mesmo que isso exija o descontentamento dos homens. Pregador exige fé e coragem. Muitos ouvintes talvez olhem o mensageiro com desaprovação, mas este não deve se desanimar. Se ele estiver pregando com amor, fidelidade e sabedoria, o desagrado dos ouvintes pode ser um sinal de que a verdade está provocando reação e esse é um dos objetivos da pregação. Ninguém deve ficar neutro depois de ouvir uma pregação. Mensagens flácidas não agradam a Deus nem transformam pessoas. A meta do mensageiro não é provocar cócegas espirituais. O pregador trabalha com um bisturi e não com uma pena. Ele prega com a espada que corta, que vai fundo nos corações dos homens e revela seus intentos e atitudes interiores.

Nossa Fé

Como a Palavra de Deus deve ser pregada por aqueles que para isto são chamados? Aqueles que são chamados a trabalhar no ministério da Palavra devem pregar a sã doutrina, diligentemente, em tempo e fora de tempo, não em palavras persuasivas de humana sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder, tornando conhecido todo o conselho de Deus; sabiamente, adaptando-se às necessidades e às capacidades dos ouvintes; zelosamente, com amor fervoroso para com Deus e para com as almas de seu povo; sinceramente, tendo por alvo a glória de Deus e procurando converter, edificar e salvar as almas.

Catecismo Maior, pergunta 159.

Quem fala por si **mesmo** está procurando a sua própria glória; mas o que procura a glória de quem o enviou, esse é **verdadeiro**, e nele não há injustiça. Jo 7.18.

Porque jamais **deixei** de vos anunciar todo o **desígnio** de Deus. At 20.27.

A minha **palavra** e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em **demonstração** do **Espírito** e de **poder**. 1Co 2.4.

Porque, sendo livre de todos, fiz-me escravo de todos, a fim de **ganhar** o maior número possível. Procedi, para com os judeus, como judeu, a fim de ganhar os judeus; para os que vivem sob o regime da lei, como se eu mesmo assim vivesse, para ganhar os que vivem debaixo da lei, embora não esteja eu debaixo da lei. Aos sem lei, como se eu mesmo o fosse, não estando sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo, para ganhar os que vivem fora do regime da lei. Fiz-me fraco para com os fracos, com o fim de ganhar os fracos. Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, **salvar** alguns. 1Co 9.19-22.

Porque nós não estamos, como tantos outros, **mercadejando** a palavra de Deus; antes, em **Cristo** é que falamos na presença de Deus, com **sinceridade** e da parte do próprio Deus. 2Co 2.17.

Eu de boa **vontade** me **gastarei** e ainda me deixarei gastar em prol da vossa

alma. Se mais vos amo, serei menos amado? 2Co 12.15.

Pelo contrário, visto que fomos **aprovados** por Deus, a ponto de nos confiar ele o **evangelho**, assim falamos, não para que **agrademos** a homens, e sim a Deus, que prova o nosso coração. A verdade é que nunca usamos de **linguagem** de bajulação, como sabeis, nem de intuítos gananciosos. Deus disto é testemunha. Também jamais andamos buscando **glória** de homens, nem de vós, nem de outros. 1Ts 2.4-6.

Por esta razão, tudo **suporto** por causa dos eleitos, para que também eles **obtenham** a salvação que está em Cristo Jesus, com eterna glória. 2Tm 2.10.

Prega a palavra, **insta**, quer seja oportuno, quer não, **corrige**, **repreende**, **exorta** com toda a longanimidade e **doutrina**. 2Tm 4.2.

Tu, porém, fala o que convém à sã **doutrina**. Tt 2.1.

Torna-te, pessoalmente, **padrão** de boas obras. No **ensino**, mostra integridade, reverência, **linguagem** sadia e irrepreensível, para que o adversário seja envergonhado, não tendo indignidade nenhuma que dizer a nosso respeito. Tt 2.7-8.

Posturas e Atitudes dos Ouvintes

Assim como os sacramentos, a eficácia da Palavra como meio de graça depende, primeiramente, da ação do Espírito Santo. Isso não significa, porém, que a responsabilidade humana seja descartada. Aqueles que ouvem a pregação devem assumir também determinados comportamentos e posturas.

- **Preparação.** Os cristãos devem preparar-se previamente para a pregação, orando e mantendo momentos devocionais regulares. A dedicação do domingo para a busca do Senhor é um maravilhoso meio de dispor o coração para a adoração que acontecerá no culto.

- **Diligência.** O ouvinte deve guardar o Dia do Senhor comparecendo aos cultos da igreja. No contexto de culto, deve esforçar-se para ouvir com atenção. Os aparelhos celulares devem ser desligados e as saídas desnecessárias, evitadas. É preciso concentrar-se nas palavras enunciadas pelo pregador, a fim de acompanhar as linhas de argumentações e receber todo o impacto transformador da Palavra de Deus. Conversar, trocar bilhetes ou mesmo assentar-se nos últimos lugares quando há espaço nos primeiros assentos – tudo isso produz obstáculos ao bom entendimento da mensagem.
 - **Discernimento.** Todas as pregações devem ser avaliadas biblicamente. O ouvinte precisa verificar se aquilo que está sendo dito é, realmente, provindo das Escrituras. Não apenas isso. Ele precisa ainda verificar se a interpretação do pregador é saudável e equilibrada (neste módulo estudaremos alguns princípios de interpretação). Ele precisa ter cuidado com doutrinas baseadas em um único texto bíblico, comparando a palavra do pregador com outros textos das Escrituras. Em suma, cada pregação é uma rica oportunidade para que o ouvinte exercite seu conhecimento bíblico e estenda sua capacidade de julgamento doutrinário. Observe-se ainda que existe diferença entre ouvir humildemente e ouvir ingenuamente a pregação. O discípulo do Senhor Jesus Cristo não diz “amém” a tudo o que é dito no púlpito; ele é iluminado pelo Espírito Santo para discernir o certo do errado e deve exercitar tal discernimento.
 - **Fé, amor e mansidão.** O ouvinte recebe a pregação crendo em tudo o que é, comprovadamente, bíblico. Ele recebe a verdade de Deus amorosamente e com muita humildade, mesmo que esta seja dura ou até mesmo dolorosa. Ele sujeita-se ao crivo do Senhor e dobra-se, submisso, diante do Altíssimo.
- Além disso, ele agradece a Deus a cada vez em que é admoestado, exortado ou corrigido. Ele adora ao Senhor por estar falando ao seu coração, através da bendita Palavra!
- **Prontidão.** O ouvinte recebe a mensagem disposto a obedecê-la. Ele não esperneia nem discute com o Senhor. Ele não é indiferente ou leviano, mas leva a sério cada injunção da pregação. Ele não está brincando de religião, mas crendo e agindo como um seguidor obediente do Senhor Jesus Cristo.
 - **Meditação.** Nas horas e dias que se seguem ao culto, o cristão deve meditar na palavra que ouviu. Nesse processo de meditação, o Espírito Santo completa a obra iniciada no momento da pregação.
 - **Conversação.** É útil ainda conversar com outras pessoas sobre a pregação ouvida. Os puritanos, servos de Deus que viveram nos séculos XVII a XIX, tinham o costume de reunir-se em suas casas nas tardes dos domingos para compartilhar as bênçãos advindas do sermão matutino. Tais diálogos fortaleciam-nos doutrinariamente e ajudavam-nos a aprofundar-se no desfrute da Palavra como meio de graça.
 - **Desfrute pessoal.** A pregação deve ser guardada no coração. É preciso ainda orar para que ela produza os frutos designados pelo Senhor.
- ### Nossa Fé
- Que se exige dos que ouvem a Palavra pregada? Exige-se dos que ouvem a Palavra pregada que atendam a ela com diligência, preparação e oração; que comparem com as Escrituras aquilo que ouvem; que recebam a verdade com fé, amor, mansidão e prontidão de espírito, como a Palavra de Deus; que meditem nela e conversem a seu respeito uns com os outros; que a escondam nos seus corações e produzam os devidos frutos em suas vidas. Catecismo Maior, pergunta 160.*
- Estas **palavras** que, hoje, te **ordeno** estarão no teu coração; tu as **inculcarás** a teus filhos, e delas **falarás** assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te. Dt 6.6-7.

Guia os humildes na justiça e **ensina** aos mansos o seu caminho. Sl 25.9.

Quão amáveis são os teus **tabernáculos**, SENHOR dos Exércitos! A minha alma suspira e desfalece pelos **átrios** do SENHOR; o meu coração e a minha carne exultam pelo Deus vivo! Sl 84.1-2.

Bem-aventurados os que habitam em tua **casa**; louvam-te perpetuamente. Sl 84.4.

Guardo no **coração** as tuas **palavras**, para não **pecar** contra ti. Sl 119.11.

Desvenda os meus olhos, para que eu **contemple** as maravilhas da tua lei. Sl 119.18.

A que caiu na boa terra são os que, tendo ouvido de bom e reto coração, **retêm** a **palavra**; estes **frutificam** com perseverança. Lc 8.15.

Vede, pois, como **ouvis**; porque ao que tiver, se lhe dará; e ao que não tiver, até aquilo que julga ter lhe será tirado. Lc 8.18.

Ora, estes de Beréia eram mais **nobres** que os de Tessalônica; pois receberam a **palavra** com toda a avidez, **examinando** as Escrituras todos os dias para ver se as coisas eram, de fato, assim. Com isso, muitos deles **creram**, mulheres gregas de alta posição e não **poucos** homens. At 17.11-12.

Tomai também o capacete da salvação e a **espada** do Espírito, que é a **palavra** de Deus; com toda oração e súplica, orando em todo tempo no Espírito e para isto vigiando com toda perseverança e súplica por todos os santos. Ef 6.17-18.

Outra razão ainda temos nós para, incessantemente, dar graças a Deus: é que, tendo vós **recebido** a palavra que de nós ouvistes, que é de Deus, **acolhestes** não como palavra de homens, e sim como, em verdade é, a palavra de Deus, a qual, com efeito, está **operando** eficazmente em vós, os que credes. 1Ts 2.13.

E com todo engano de injustiça aos que **perecem**, porque não **acolheram**

o amor da verdade para serem salvos. 2Ts 2.10.

Portanto, despojando-vos de toda impureza e acúmulo de maldade, acolhei, com mansidão, a **palavra** em vós implantada, a qual é **poderosa** para **salvar** a vossa alma. Tg 1.21.

Mas aquele que considera, atentamente, na lei **perfeita**, lei da liberdade, e nela **persevera**, não sendo ouvinte **negligente**, mas **operoso** praticante, esse será bem-aventurado no que **realizar**. Tg 1.25.

Por esta razão, importa que nos **apeguemos**, com mais firmeza, às **verdades** ouvidas, para que delas jamais nos **desviemos**. Hb 2.1.

Despojando-vos, portanto, de toda maldade e dolo, de hipocrisias e invejas e de toda sorte de maledicências, **desejai** ardentemente, como crianças recém-nascidas, o genuíno **leite** espiritual, para que, por ele, vos seja dado **crescimento** para salvação. 1Pe 2.1-2.

Conclusão

Considerando o que estudamos acima, verifica-se que o ouvinte da pregação deve observar alguns detalhes:

- O mensageiro demonstra postura e atitudes condizentes com a solenidade da verdadeira adoração?
- A mensagem anunciada realmente é extraída da Escritura — a Bíblia é o centro da exposição?

Fique Alerta

Atualmente temos muitas personalidades do universo religioso moderno, mas poucos pregadores. Não se deixe iludir por discursos religiosos agradáveis ou ditas ministrações que, quando espremidas, destilam muito pouca ou nenhuma verdade bíblica. Somente a Palavra de Deus é que “restaura a alma” (Sl 19.7). Outras soluções não passam de ilusão e falsidade. Para a conversão, santificação e fortalecimento espiritual, nada substitui a verdadeira pregação.

Para Memorizar

“Tu, porém, fala o que convém à sã doutrina” (Tt 2.1).

Como ouvir pregações. Padrões de interpretação bíblica

03



Objetivos para o Discipulador

- O discipulador adora a Deus pelo privilégio de transmitir a sua Palavra.
- O discipulador compreende os princípios básicos de interpretação bíblica.
- O discipulador compreende a seriedade da interpretação da Bíblia, e suplica a capacitação do Espírito Santo para conduzir seus discípulos a compreenderem os princípios de interpretação e aplicá-los ao ouvir uma mensagem.

Objetivos para o Discípulo

- O discípulo compreende que a pregação só transmite a voz de Deus, quando reflete corretamente o ensino da Escritura.
- O discípulo compreende que o pregador fiel é aquele que transmite, na mensagem, um conteúdo baseado em interpretação bíblica sadia.
- O discípulo aprende os princípios de interpretação e aplica-os ao ouvir uma mensagem, rejeitando interpretações infundadas.
- O discípulo adora a Deus por sua Palavra, e prepara-se adequadamente, durante a semana, para prestar o culto, suplicando entendimento do Espírito Santo ao pregador e ao seu coração.

Sugestão de passos para o Encontro:

(1) Conversa inicial; (2) Leitura devocional de 2Tm 4.1-5; (3) Cântico do Hino 350; (4) Estudo Bíblico; (5) Oração; (6) Verificação de memorização do versículo; (7) Oração final.

Introdução

No estudo anterior aprendemos que o pregador deve anunciar a Bíblia com fidelidade. A palavra da pregação só pode ser considerada *vox Dei*, voz de Deus, quando reflete corretamente o ensino da Escritura.

O pregador inicia compreendendo o texto bíblico para, então, preparar a mensagem. A essa tarefa de entendimento da Bíblia, damos o nome de **interpretação**. A interpretação correta da Palavra de Deus exige alguns cuidados que, quando negligenciados, abrem espaço para erros doutrinários. Uma pessoa pode proclamar com toda

sinceridade uma heresia e prejudicar os ouvintes, ao invés de abençoá-los. A pregação baseada em má interpretação, além de desagradar a Deus, influencia os que ouvem a serem em mentiras, bem como assumirem práticas antibíblicas, mesmo que bem intencionadas. De nada adianta o pregador ser um excelente comunicador, se entender mal os ensinamentos bíblicos.

Verificando a Interpretação

A ministração da Palavra de Deus exige duas coisas: no púlpito, um mensageiro que realizou um bom trabalho de interpretação; nos bancos, crentes que ouvem com discernimento, verificando se os enunciados do pregador correspondem aos princípios corretos de interpretação bíblica.

A marca de um verdadeiro pregador não é a proficiência em sinais e maravilhas, nem mesmo a grande capacidade de empolgar os ouvintes, mas a *fidelidade ao ensino da Escritura*. Para pregar fielmente, ele precisa interpretar corretamente.

Quando profeta ou sonhador se levantar no meio de ti e te anunciar um sinal ou prodígio, e suceder o tal sinal ou prodígio de que te houver falado, e disser: Vamos após **outros deuses**, que não conhecestes, e servimo-los, **não** ouvirás as palavras desse profeta ou sonhador; porquanto o SENHOR, vosso Deus, vos **prova**, para saber se amais o SENHOR, vosso Deus, de todo o vosso coração e de toda a vossa alma. Andareis após o SENHOR, vosso Deus, e a ele temereis; guardareis os seus mandamentos, ouvireis a sua voz, a ele servireis e a ele vos achegareis. Esse profeta ou sonhador será morto, pois pregou rebeldia contra o SENHOR, vosso Deus, que vos tirou da terra do Egito e vos resgatou da casa da servidão, para vos apartar do caminho que vos ordenou o SENHOR, vosso Deus, para andardes nele. Assim, eliminarás o mal do meio de ti (Dt 13.1-5).

Tratando-se de profetas, falem apenas dois ou três, e os outros **julguem** (1Co 14.29).

Tem cuidado de ti mesmo e da **doutrina**. Continua nestes deveres; porque, fazendo assim, **salvarás** tanto a ti mesmo como aos teus ouvintes (1Tm 4.16).

Compreendendo a Interpretação

Um dos termos utilizados quando se fala de interpretação é **hermenêutica**, que é a “ciência que nos ensina os princípios, as leis e os métodos de interpretação” (Louis Berkhof, *Princípios de Interpretação Bíblica*, p. 11). A hermenêutica fornece regras para a **exegese**. A palavra exegese vem do grego e significa, literalmente, *Ex-egesis*, “tirar do texto”. Na exegese, a idéia é descobrir com o auxílio das línguas originais a mensagem do texto, e “conduzi-la para fora”. Não se trata de ver algo que ninguém nunca viu, mas procurar entender o que a mensagem significou para os seus leitores originais. “Como um obstetra espiritual, o intérprete por si só não exerce nenhuma função criadora, no sentido de inventar algo novo, senão que somente deve ser um instrumento eficaz para fazer sair à luz o que já existe no texto” (Leo Scheffczyk, *Hermenêutica Bíblica*, J. Martínez, p. 29).

Quando lemos a Bíblia, deciframos subjetivamente o que ela significa para nós. Isso é assim porque o Espírito Santo guia os discípulos à compreensão da verdade, sem a necessidade de um magistério oficial da Igreja ou das proposições de um papa ou líder mundial, tal como apregoa o romanismo.

Isto vos tenho dito, estando ainda convosco; mas o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos **ensinará** todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito (Jo 14.25-26).

Quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos **guiará** a toda a **verdade**; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que hão de vir. Ele me glorificará, porque

há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar (Jo 16.13-14).

Quanto a vós outros, a unção que dele recebestes permanece em vós, e não tendes necessidade de que alguém vos **ensine**; mas, como a sua unção vos ensina a respeito de todas as coisas, e é verdadeira, e não é falsa, permanecei nele, como também ela vos ensinou (1Jo 2.27).

Apesar disso, existem alguns princípios gerais de interpretação que precisam ser conhecidos e utilizados, principalmente pelos pregadores.

Contextualização: Interpretando Hoje Uma Palavra de Ontem

Um dos grandes desafios da interpretação é cultural. A Bíblia foi escrita para pessoas de outro tempo. Por exemplo, quando o apóstolo Paulo escreveu a carta aos irmãos de Éfeso, ele não estava pensando nos cristãos brasileiros. Sua atenção estava voltada para pessoas do século I, que viviam dentro da cultura greco-romana-judaica. O mesmo pode ser dito do autor do Apocalipse. Ao escrever sua obra, João utilizou uma linguagem simbólica que era comum principalmente aos cristãos judeus de seu tempo. Em sua época, eram comuns os escritos apocalípticos, que buscavam transmitir mensagens de reforço na fé em linguagem cheia de imagens e significados ocultos.

Hoje, quando lemos a carta aos Efésios ou o Apocalipse, ficamos às vezes desorientados com algumas expressões e, pior ainda, podemos compreendê-las mal. Por isso, *a primeira tarefa do intérprete bíblico é entender o que as Escrituras significaram para os seus primeiros destinatários*. A partir desse ponto, é que deve ser feita a aplicação da Escritura para hoje. Serão válidos atualmente o ósculo santo ou o véu no rosto para a oração (1Co 11.13, 16:20)? Para respondermos isso precisamos primeiro saber: “o que significava o ósculo e o véu na sociedade daquele tempo?” Somente a partir daí é que poderemos transpor essa barreira cultural, e fazer das Escrituras algo vivo para o homem do século XXI.

Verifique se, na exposição, o pregador explica o que o texto significou para

os destinatários originais. Esse é um bom indício de que a passagem foi estudada utilizando-se boas regras de interpretação.

Sete Princípios Úteis

É importante que conheçamos sete regras que devem nortear o trabalho de interpretação.

1. Distinção Entre Descrição e Prescrição

É preciso distinguir entre texto *descritivo* e texto *prescritivo*. Descritivo é o texto histórico – que descreve algo, narra um acontecimento, por exemplo, “línguas de fogo” pousaram sobre os discípulos do Pentecostes (At 2.3-4). O fato de isso ter ocorrido no passado, não significa que deva repetir-se, como uma regra, nos dias de hoje. As passagens bíblicas descritivas, além de fornecerem uma base histórica para nossa fé, transmitem-nos preciosos exemplos ou mesmo princípios espirituais. No entanto, *é preciso ter cuidado para não estabelecer doutrinas a partir de tais fatos. Um relato histórico só pode ser usado para provar uma doutrina se tal ensino for confirmado por textos bíblicos prescritivos ou doutrinários, principalmente das epístolas do Novo Testamento.* Prescritivo é o texto que traz regras, ensinamentos e mandamentos para nós hoje – as passagens da Escritura claramente destinadas à instrução e doutrinação.

2. Uso do Sentido Mais Simples

Veja sempre qual o significado mais simples, mais claro, mais singelo. A Bíblia é um livro que pode ser entendido por todo cristão, do erudito até o semi-analfabeto. A verdade mais clara é sempre preferível aos posicionamentos nebulosos e “profundos” (às vezes sem fundo mesmo!).

Isso não significa que todo o conteúdo bíblico seja fácil de entender. Em algumas passagens, o intérprete precisará de auxílio adicional (introduções bíblicas, manuais, léxicos ou comentários). E não apenas isso. Algumas passagens, ficarão simplesmente sem interpretação, por completa falta de informação. Mesmo o maior estudioso não sabe tudo sobre a Bíblia.

3. Respeito ao Sentido Natural do Texto

O texto significa, simplesmente, aquilo que *está escrito*. Como literatura rica, a Bíblia contém muitas figuras de linguagem. Por exemplo, o Senhor Jesus Cristo faz uso de uma metáfora quando diz “Eu sou a porta” (Jo 10.7 e 9). Nesse caso, o bom senso nos diz que cabe aqui uma interpretação simbólica.

Em outras situações, *é preciso tomar cuidado para não dar ao texto um sentido que ele não possui.* Há pregadores que deixam de lado esse significado natural e procuram sentidos “espirituais” ou “ocultos” nas palavras bíblicas. Ouvi certa vez uma pregadora afirmar que as cinco pedras usadas por Davi em sua luta contra Goliás representam “Maravilhoso”, “Conselheiro”, “Deus Forte”, “Pai da Eternidade” e “Príncipe da Paz”. Confesso que é uma idéia empolgante, mas não é isso que o texto de 1Sm 17.40 diz. A passagem afirma que Davi “escolheu para si cinco pedras lisas do ribeiro, e as pôs no alforje”, para contrastar a simplicidade dos recursos do pastor de Israel com a pretensa grandiosidade e poder das armas do gigante filisteu (1Sm 17.4-7). Tal pregadora, mesmo que bem intencionada, não pregou a Palavra de Deus, mas uma interpretação distorcida.

Ouvi ainda outro sermão sobre o casamento de Isaque, relatado em Gn 24. O pregador disse que o servo de Abraão era um “tipo” do Espírito Santo, e que Rebeca é um “símbolo” da Igreja. Observe que, ao utilizar tais artificios, o intérprete pode transformar o texto bíblico naquilo que ele quiser.

A prática de dar sentidos ocultos ao texto bíblico é chamada de **alegorização**. O pregador deve levar a Bíblia a sério. Os casos onde não estiver clara uma figura de linguagem, ou onde o estilo de literatura não for claramente figurativo, tais como nos Salmos e no Apocalipse, exigem interpretação literal. A honestidade, humildade, bom senso e submissão ao Espírito Santo, garantem ao intérprete bons resultados em sua tarefa de compreender o texto bíblico.

4. Uso da Analogia das Escrituras

Alguns textos do Antigo Testamento, principalmente profecias, só podem

ser bem entendidos à luz do Novo Testamento. Certas passagens, quando vistas isoladamente, podem dar a entender o contrário da verdadeira doutrina. Algumas verdades da Bíblia são difíceis de conciliar, mas isso não significa que sejam excludentes. O intérprete realiza o seu trabalho convicto de que *a Escritura não se contradiz*. Bons intérpretes, a fim de obter luz sobre um texto obscuro, comparam a Escritura com a própria Escritura. Esse processo de comparação da Bíblia com a própria Bíblia é chamado de **analogia das Escrituras**.

Tanto o pregador como os ouvintes devem praticar esta analogia. A resposta à pergunta 160 do *Catecismo Maior*, citada no estudo anterior, diz que os ouvintes devem escutar a pregação comparando “com as Escrituras aquilo que ouvem”.

5. Observação do Contexto

Conforme W. D. Chamberlain, “para interpretar contextualmente, há de se levar em conta o conteúdo geral de todo o documento, se ele é um discurso unificado. Então, o matiz de pensamento que circunscreve a passagem, pois que mui frequentemente afeta ele o sentido dos termos a interpretar-se”. Em algumas ocasiões, como por exemplo, numa interpretação de uma epístola, o seu “teor geral dita o sentido real da passagem” (W. D. Chamberlain, *Gramática exegética do grego neotestamentário*, p. 27).

Um Exemplo Clássico

Quando o pregador desconsidera o contexto, sujeita-se a errar em sua interpretação. Um exemplo clássico é Ap 3.20: “Eis que estou à porta, e bato; se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e cearei com ele e ele comigo”. Tenho ouvido muitos pregadores que usam a passagem como uma espécie de apelo evangelístico. Para sermos honestos com o texto, devemos utilizá-lo respeitando a intenção original do autor e, neste texto, dirigido à Igreja de Laodiceia (Ap 3.14), fica claro que o apóstolo desejava *despertar os crentes e não evangelizar os pagãos*.

É possível, por exemplo, basearmos-nos em Ap 3.20 para dizermos aos irmãos que Cristo convida seus filhos, cujas vidas estão “mornas” ou inoperantes, para aproximarem-se dele, abrindo-

se para o retorno à comunhão com o Senhor (os crentes *podem* voltar-se para Deus, pois tiveram suas vontades regeneradas).

O texto pode ser citado para os não regenerados com cuidado, clareza e pertinência. Para os que não são ainda filhos de Deus, é possível afirmar que Cristo sempre convida seus eleitos para virem a ele. É bom, desejável e urgente que a pessoa não salva invoque ao Senhor, a fim de nascer de novo, arrepender-se de seus pecados e crer no Redentor. Os não-crentes, no entanto, não podem “abrir a porta de seus corações”. Eles podem suplicar que o Senhor amoleça seus corações e os faça nascer de novo, capacitando-os para responderem ao chamado do evangelho. Dizer que o incrédulo precisa abrir o coração para Deus poder salvá-lo *contraria a doutrina bíblica da redenção*, tal como estudamos nos dois primeiros módulos.

Aprendendo a Olhar o Contexto

Você percebeu que o modo correto de interpretar Ap 3.20 é percebendo que se trata de um versículo que faz parte de uma unidade de pensamento, no caso uma carta a uma igreja da Ásia. O leitor cuidadoso notará que tal carta faz parte de um conjunto de cartas que abrange uma seção – as sete cartas do livro de Apocalipse. O bom intérprete não apenas pergunta “o que este versículo significa?”, mas também, “como este versículo se encaixa na idéia geral deste parágrafo, desta seção ou destes capítulos?”. Em suma, é preciso que os textos da Escritura sejam observados como blocos redacionais, ou seja, como seções, capítulos e versículos. Veja o exemplo a seguir:

Evangelho de João.

21 Capítulos, divididos em duas partes:

Caps. 1-13: O Livro dos *Sinais*.

Caps. 14-21: O Livro da *Glória*.

Objetivo do livro: Gerar fé nos leitores, de que Jesus Cristo é o Filho de Deus (Jo 20.31).

Seção é uma divisão maior do livro. No caso do Ev. de João, podemos afirmar que existem duas grandes seções: *Sinais* e *Glória*.

Capítulo é uma unidade menor dentro

de uma seção. É interessante dividirmos os parágrafos dentro dos capítulos para entendermos melhor o texto.

Perícopo ou texto analisado é a unidade menor dentro de um capítulo. Pode abranger um ou mais parágrafos. O texto estudado pode abranger apenas parte de um parágrafo, ou mesmo um só versículo. É importante *estabelecer a relação deste texto com o capítulo, com a seção e com o restante do livro*. Essa análise ampla permite uma interpretação harmoniosa e equilibrada.

A interpretação sadia leva em conta toda essa estrutura textual. Denomina-se *contexto imediato* tudo aquilo que está próximo ao texto estudado (parágrafo e capítulo). Chama-se *contexto remoto* tudo aquilo que está distante, mas ao mesmo tempo abrange o texto estudado (seção — divisões maiores da obra, e o livro como um todo).

É preciso perguntar ao texto: qual o contexto próximo? O parágrafo está tratando de que tema? E o capítulo? E a seção? Aqui estabelece-se uma relação entre os elementos textuais, e obtém-se capacidade para discernir o significado da passagem. Todo texto deve ser interpretado dentro do seu contexto. Como diz um ditado, “texto tirado de contexto é pretexto”. Textos deslocados de seus contextos podem ser usados até mesmo para provar falsas doutrinas.

6. Cuidado com as “Inclusões de Conteúdo”

É comum um pregador abrir um texto bíblico, lê-lo e, em seguida, afirmar coisas que o texto *não diz*. Você ouve o que o mensageiro está articulando e tenta, em vão, encontrar o que ele diz na Escritura. O intérprete não pode ir além do texto.

7. Cuidado com as “Novas Revelações”

O Espírito Santo *não concede nova revelação, e sim iluminação*. Não há nova verdade a ser acrescentada sobre o texto bíblico. Há nova luz, ou seja, são mostrados novos aspectos da verdade relevantes para a situação atual. A verdade é apenas uma, as implicações e aplicações dessa verdade é que são diversas. O pregador é incumbido de entender a verdade e, sob a direção do Espírito de Cristo, aplicá-la. O pregador

não é chamado para descobrir novas coisas, mas para ensinar as velhas e maravilhosas verdades de forma nova, pois elas são sempre necessárias em nossa geração.

Conclusão

Sei que, inicialmente, a observação desses princípios de interpretação poderá parecer um pouco complicada. Alguns, diante da grandeza da tarefa, simplesmente desistem, tornando-se esponjas que absorvem tudo o que é dito nos púlpitos, sem o menor discernimento. Quero incentivá-los a perseverarem. Deus recompensa nosso esforço de buscarmos entender melhor a sua Palavra.

A situação assemelha-se a andar de bicicleta. Nas primeiras vezes que tentamos tivemos dificuldades. Alguém nos empurrava e, mesmo com rodinhas, levávamos uns bons tombos! Com o tempo, porém, fomos adquirindo confiança e coordenação. Começamos a pedalar com firmeza e ganhamos equilíbrio. Não precisamos mais de quem nos empurrasse. Depois, foram retiradas as rodinhas, e hoje passeamos prazerosamente com nossas bicicletas. Sentamos no selim, e nem notamos que estamos tendo de coordenar um monte de movimentos ao mesmo tempo.

O mesmo ocorre com a interpretação. Depois de certo tempo, tanto os bons pregadores quanto os bons ouvintes adquirem o hábito de caminhar seguindo a trilha destas sete regras, e, assim, exploram com segurança e prazer, as ruas do Antigo e Novo Testamentos. Aqui, é claro, termina a similaridade com o treinamento na bicicleta. No caso da interpretação, jamais poderemos dispensar a ajuda de nosso treinador, o Espírito Santo. Ele sempre estará conosco neste caminho, e nosso destino será a terra da boa doutrina, onde encontraremos ao Senhor Jesus Cristo, e desfrutar por ele do gostoso fruto da árvore da vida.

Como ouvir pregações. A fé que uma vez por todas foi entregue aos santos

04

Objetivos para o Discipulador Uma Fé Confessional

- O discipulador adora a Deus pela iluminação progressiva concedida à Igreja, que permitiu a formulação dos documentos confessionais.
- O discipulador compreende a importância dos símbolos de fé para a articulação da boa teologia.
- O discipulador suplica a capacitação do Espírito Santo para conduzir seus discípulos ao conhecimento e estudo dos símbolos de fé.
- O discipulador roga ao Espírito Santo que ajude os discípulos a confrontarem as pregações ouvidas com os conteúdos doutrinários dos símbolos de fé.

Objetivos para o Discípulo

- O discípulo compreende que a pregação só transmite a voz de Deus, quando reflete corretamente o ensino da Escritura.
- O discípulo compreende que a pregação fiel possui clareza e consistência doutrinária.
- O discípulo compreende que os símbolos de fé são instrumentos excelentes de doutrinação cristã, e que, por conseguinte, a boa pregação deve refleti-los.
- O discípulo entende que o pregador que despreza os símbolos de fé ou a teologia, está falhando na compreensão e prática de sua tarefa de anunciar a verdade de Deus.
- O discípulo adora a Deus pela direção do Espírito Santo em iluminar seus filhos, no decorrer da história, para que estes compreendam os ensinamentos de sua Palavra.

Sugestão de passos para o Encontro:

(1) Conversa inicial; (2) Leitura devocional de Jo 17.1-26; (3) Cântico do Hino 221; (4) Estudo Bíblico; (5) Oração; (6) Verificação de memorização do versículo; (7) Oração final.

Introdução

Aprendemos até agora que a pregação deve ser bíblica. Neste estudo damos um passo adiante, afirmando que a pregação deve ser *confessional*. Neste estudo, o termo confessional indica coerente com uma confissão, apegado a um padrão de doutrina.

Desde os primórdios do cristianismo, os discípulos produziram resumos de suas crenças. Alguns desses sumários podem ser encontrados na própria Escritura. Um dos mais antigos é a afirmação “Jesus Cristo é Senhor”, registrada pelo apóstolo Paulo em Fp 2.11. Na verdade, o próprio Redentor ensinou que o discipulado implica em uma confissão pública: os que fizerem isso, serão confirmados no céu.

Digo-vos ainda: todo aquele que me **confessar** diante dos homens, também o Filho do Homem o confessará diante dos anjos de Deus. Lc 12.8.

Se, com a tua boca, **confessares** Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo. Rm 10.9.

E toda língua **confesse** que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai. Fp 2.11.

A fé cristã é um *corpo revelado de verdades*. Não existe cristianismo sem doutrinas, ou seja, proposições e extratos conceituais elaborados a partir da Bíblia. Os primeiros seguidores do Senhor Jesus Cristo eram unânimes na crença em determinados fatos históricos. O Espírito Santo guiou os apóstolos na percepção e articulação dos significados da morte, ressurreição e ascensão do Bendito Salvador. A revelação de tudo o que necessitamos para nossa salvação, santificação e frutificação encontra-se na Palavra de Deus. Discordar dessas verdades bíblicas equivale a errar.

A fé faz uma confissão de verdades registradas proposicionalmente. Abraçamos tal confissão publicamente, nos alinhamos a ela e assumimos, com ousadia, o “combate da fé”, defendendo o evangelho que foi “entregue aos santos”.

Irmãos, venho lembrar-vos o evangelho que vos anunciei, o qual recebestes e no qual ainda **perseverais**; por ele também sois salvos, se retiverdes a palavra tal como vo-la preguei, a menos que tenhais crido em vão. Antes de tudo, vos entreguei o que também recebi:

que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras. E apareceu a Cefas e, depois, aos doze. Depois, foi visto por mais de quinhentos irmãos de uma só vez, dos quais a maioria sobrevive até agora; porém alguns já dormem. 1Co 15.1-6.

Porque muitos enganadores têm saído pelo mundo fora, os quais não confessam Jesus Cristo vindo em carne; assim é o enganador e o anticristo. Acautelai-vos, para não perderdes aquilo que temos realizado com esforço, mas para receberdes completo galardão. Todo aquele que **ultrapassa** a doutrina de Cristo e nela não permanece não tem Deus; o que permanece na doutrina, esse tem tanto o Pai como o Filho. Se alguém vem ter convosco e não traz esta doutrina, **não** o recebais em casa, nem lhe deis as boas-vindas. Porquanto aquele que lhe dá boas-vindas faz-se cúmplice das suas obras más. 2Jo 7-11.

Vivei, acima de tudo, por modo digno do evangelho de Cristo, para que, ou indo ver-vos ou estando ausente, ouça, no tocante a vós outros, que estais firmes em um só espírito, como uma só alma, **lutando** juntos pela fé evangélica. Fp 1.27.

Amados, quando empregava toda a diligência em escrever-vos acerca da nossa comum salvação, foi que me senti obrigado a corresponder-me convosco, exortando-vos a batalhardes, diligentemente, pela fé que uma vez por todas foi **entregue** aos santos. Pois certos indivíduos se introduziram com dissimulação, os quais, desde muito, foram antecipadamente pronunciados para esta condenação, homens ímpios, que transformam em libertinagem a graça de nosso Deus e negam o nosso único Soberano e Senhor, Jesus Cristo. Jd 3-4.

Após o período apostólico, um dos primeiros documentos confessionais a ser produzido foi o **Credo Apostólico**, até hoje lido em diversas igrejas.

Creio em Deus Pai, Todo-poderoso criador do céu e da terra.

Creio em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor, o qual foi concebido por obra do Espírito Santo; nasceu da virgem Maria; padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado; desceu ao Hades; ressurgiu dos mortos ao terceiro dia; subiu ao céu; está assentado à mão direita de Deus Pai todo-poderoso, de onde há de vir para julgar os vivos e os mortos.

Creio no Espírito Santo; na santa Igreja universal; na comunhão dos santos; na ressurreição dos pecados; na ressurreição do corpo; na vida eterna. Amém.

No decorrer da história, a fim de responder às questões levantadas por cada geração, foram formulados outros documentos tais como o Catecismo de Heidelberg, escrito por Zacarias Ursino e Gaspar Oleviano; o Catecismo Menor de Martinho Lutero; os Catecismos de John Owen e o Catecismo Puritano, de Charles Haddon Spurgeon. Os cristãos de orientação reformada subscrevem, principalmente, os documentos de Westminster: Catecismo Maior, Breve Catecismo e Confissão de Fé de Westminster.

A Confissão de Westminster foi a última das confissões formuladas durante o período da Reforma. Até agora tem havido na história da Igreja somente dois períodos que se distinguiram pelo número de credos ou confissões que neles foram produzidos. O primeiro pertence aos séculos quarto e quinto, que produziram os credos ecumênicos de Nicéia, Constantinopla, Éfeso e Calcedônia; o segundo sincroniza com o período da Reforma. Os símbolos do primeiro período chamam-se “credos”, os do segundo, “confissões”. Uma comparação entre o Credo dos Apóstolos, por exemplo, e a Confissão de Westminster mostrará a diferença. Credo é a fórmula de fé pessoal e principia com a palavra “Creio”. A Confissão de Westminster segue o plano adotado no tempo da Reforma, é mais elaborada e apresenta um pequeno sistema de teologia. Esse sistema é conhecido pelo nome de Calvinismo, por ser o que João Calvino ensinou, e foi aceito pelas Igrejas Reformadas, que diferiram das Luteranas. John M. Kyle, “Nota Histórica”, *Confissão de Fé*, p. 10.

História e Interpretação

Os documentos confessionais são o resultado de ricos processos de interpretação bíblica. Por isso, é sábio o pregador que, ao término de sua hermenêutica pessoal, confronte suas conclusões com a teologia bíblica (os ensinamentos de cada livro da Escritura) e com a teologia sistemática (a organização tópica de todos os assuntos bíblicos), da qual as confissões de fé são resumos.

Deus falou de modo inspirado, infalível e inerrante aos autores bíblicos. Depois disso, o Espírito Santo continua guiando os cristãos na elaboração de documentos de fé. Quanto mais alicerçados em interpretação sadia e nos princípios de inspiração, infalibilidade, inerrância e suficiência da Bíblia, mais uma confissão ou catecismo é confiável em seu conteúdo. Somente o que é genuinamente bíblico é que produz verdadeira santidade prática (figura 01).

As confissões preservam a fé bíblica e histórica, ao mesmo tempo em que contribuem para a unidade das igrejas cristãs.



Figura 01. Da interpretação à santidade prática.

Nesse sentido, a fé reformada difere da neopentecostal. O neopentecostalismo alega receber orientação direta do Espírito Santo, e por isso despreza todo o conhecimento teológico acumulado nos últimos 2 mil anos de cristianismo. A fé reformada, ainda que mantendo a afirmação *Sola Scriptura*, Somente a Escritura, entende que o Espírito Santo tem iluminado os verdadeiros crentes no decorrer da história, e por isso, respeita as formulações doutrinárias e o corpo teológico produzido a partir de sólida interpretação e fiel ao conteúdo das Escrituras.

A utilidade de uma Confissão de Fé evidencia-se na história das Igrejas Reformadas ou Presbiterianas. Sendo a Confissão de Westminster a mais perfeita

que elas conseguiram formular, serve de laço de união e estreita as relações entre presbiterianos de todo o mundo. Os Catecismos especialmente têm servido para doutrinar a mocidade nas puras verdades do Evangelho. John M. Kyle, “Nota Histórica”, *Confissão de Fé*, p. 10.

O Pregador, as Confissões e a Bíblia

A pregação reformada é, portanto, bíblica, teológica e confessional. O pregador proclama a Palavra de Deus cuidadosa, zelosa e coerentemente. Ele *não ataca a fé bíblicamente defensável e publicamente abraçada pelos símbolos de fé da Igreja*.

Isso não significa que o pregador deva ser um mero repetidor impessoal dos documentos confessionais, nem que ele deva importar-se mais com as confissões do que com a Bíblia. Ele é um mensageiro da Palavra de Deus somente. Ao pregar a Palavra, porém, seguindo princípios sadios de interpretação, ele anuncia um *sistema teológico* – uma visão doutrinária geral condizente com a “fé que uma vez por todas foi entregue aos santos” (Jd 3).

A Confissão de Fé de Westminster, porém, não tenciona congelar-nos no passado nem inutilizar nossa capacidade de raciocínio e reflexão. Como fruto das lutas dos cristãos reformados contra erros do seu tempo, ela nos desafia e estimula a pensarmos profundamente nossa época e a buscarmos nas Escrituras as respostas para as urgentes questões que enfrentamos. Cláudio Antônio Batista Marra, “Prefácio”, *Confissão de Fé*, p. 8.

O bom ouvinte de pregações é, então, aquele que lê e estuda os símbolos de fé, a fim de suprir-se de boa doutrina. Conhecer os documentos de Westminster é fundamental para os cristãos de origem reformada. Discípulos maduros conseguem perceber se o pregador está defendendo alguma posição que fere a boa doutrina. Estando firmados na verdade, *eles rechaçam o erro e abraçam somente o que provém do Senhor*. Assim, tais seguidores maduros se tornam, a cada dia, mais aptos a compartilhar a sua fé, cada vez mais reprodutivos.

Como ouvir pregações. As exigências do pregador e a resposta dos ouvintes

05



Objetivos para o Discipulador

- O discipulador compreende a *dinâmica, teologia e exigências* da pregação.
- O discipulador *agradece a Deus* por ter dado à Igreja a pregação como meio de graça.
- O discipulador *conduz* os discípulos, *no poder do Espírito Santo*, ao conhecimento e desfrute das verdades concernentes à pregação.

Objetivos para o Discípulo

- O discípulo compreende a *dinâmica, teologia e exigências* da pregação.
- O discípulo agradece a Deus por ter-lhe concedido a pregação como meio de graça.
- O discípulo corrige seus conceitos errôneos sobre a pregação e busca ao Senhor para desfrutar mais intensamente da pregação fiel como meio de graça.
- O discípulo interage corretamente com cada pregação, tornando-se, ainda que humilde, mais eficiente e exigente no discernimento e avaliação daquilo que ouve.
- O discípulo valoriza e responde adequadamente às pregações verdadeiramente fiéis à Palavra de Deus.

Sugestão de passos para o encontro:

(1) Conversa inicial; (2) Leitura devocional do Sl 29; (3) Cântico do Hino 121; (4) Estudo Bíblico; (5) Oração (6) Verificação de memorização do versículo; (7) Oração final.

Introdução

Nos últimos meses, você foi ensinado sobre o desfrute da Escritura como meio de graça. Os últimos estudos trataram da pregação. Verificou-se sua conceituação, função no plano de redenção e utilidade para o crescimento na graça e no conhecimento do Senhor Jesus Cristo.

Foi mostrado ainda que o pregador é servo da *vox Dei*, voz de Deus, ao mesmo tempo em que continua sendo um ser humano falível. Nesse sentido, *as exigências feitas pelo pregador, no sermão, são humanas ou divinas?* Além disso, os destinatários da pregação

são ouvintes *participantes* ou ouvintes *passivos*?

Este estudo aprofunda alguns conceitos relacionados à dinâmica da pregação, apresenta um resumo de sua teologia subjacente, sugere alguns critérios para avaliação das exigências feitas pelo pregador e reforça instruções referentes ao perfil reformado do discípulo ouvinte.

Revisão da Dinâmica da Pregação

Estamos aprendendo que a pregação não é uma via de mão única, mas um processo complexo de comunicação. Na pregação ocorre interação, tal como mostrado na figura 02.

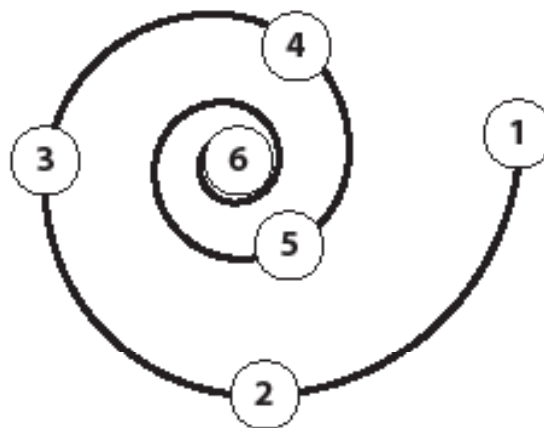


Figura 02. A espiral da pregação.

Seis aspectos estão presentes neste modelo:

1. A Bíblia é a origem e base da pregação. A fala que não explica e aplica as Escrituras não é pregação, mas discurso religioso.
2. O pregador é o instrumento usado para a comunicação da *vox Dei*. Isso tem implicações para a espiritualidade e preparação intelectual e teológica do pregador.
3. A exposição deve corresponder aos padrões corretos de interpretação. Prega com fidelidade quem interpreta a Bíblia corretamente. Só pode ser considerada *vox Dei* a pregação consistente com o sentido exato da Bíblia.
4. A exposição deve alinhar-se aos símbolos de fé. Só pode ser

considerada *vox Dei* a pregação consistente com os padrões excelentes de doutrina. A pregação reformada é bíblica, teológica e confessional.

5. As aplicações ou exigências do pregador precisam decorrer naturalmente das verdades bíblicas.
6. Diante do que ouve, o destinatário da pregação responde com obediência ou repúdio.

O padrão é que tanto o pregador quanto o ouvinte busquem a iluminação do Espírito Santo. A partir deste ponto, a dinâmica da pregação envolve dois tipos específicos de elaborações. Do lado do mensageiro, desenvolvem-se o estudo, interpretação, organização das informações e entrega do sermão.

Do lado do ouvinte, ocorrem a compreensão da mensagem, sua aceitação ou rejeição e o impacto desta sobre os afetos, vontade e ações (figura 03).

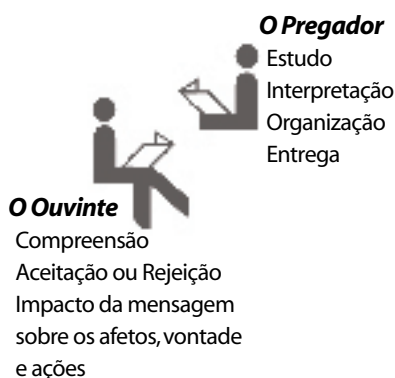


Figura 03. A dinâmica da pregação.

A Teologia Subjacente à Pregação

A pregação deve ser compreendida como um dos desdobramentos da **soteriologia**, ou seja, da doutrina da salvação. Isso é assim porque *a pregação é divinamente estabelecida como meio de graça, assegurando aos eleitos as bênçãos do Redentor*. Ademais, a pregação nos fala do culto como diálogo, dos ministérios da Palavra e do Espírito e de Deus como criador da inteligência.

O Culto como Diálogo

O culto encerra um movimento litúrgico duplo: Deus fala conosco através da pregação e nós respondemos a ele com

orações, louvores e o recebimento da Palavra pregada.

Vinde, **adoremos** e prostremo-nos; ajoelhemos diante do SENHOR, que nos criou. Sl 95.6.

Habite, ricamente, em vós a **palavra de Cristo**; instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente em toda a sabedoria, **louvando** a Deus, com salmos, e hinos, e cânticos espirituais, com gratidão, em vosso coração. Cl 3.16.

Pregação, Palavra e Espírito

Em cada culto, *Deus assegura a eficácia de sua Palavra*. Na pregação, o Senhor opera exteriormente, iluminando e capacitando o pregador no anúncio da mensagem e fazendo com que esta chegue aos ouvidos dos receptores. Interiormente, ele opera de modo que a Palavra produza os frutos por ele determinados. O Espírito Santo, que inspirou as Escrituras, tem prazer em aplicá-las nos corações dos ouvintes.

Assim será a palavra que sair da minha boca: não voltará para mim **vazia**, mas fará o que me apraz e **prosperará** naquilo para que a designei. Is 55.11.

Deus opera através da pregação fiel de duas maneiras, *atraindo* ou *endurecendo*. Ninguém sai neutro de um culto. Aqueles que não sentem-se mais próximos do Senhor após uma pregação fiel, devem suplicar por sua graça, pois estão sendo endurecidos para disciplina ou juízo.

Deus opera de duas maneiras em seus eleitos, interiormente, através do Espírito, exteriormente, mediante a Palavra. Pelo Espírito ele lhes faz nova criatura, ilumina a mente e modela o coração ao amor e cultivo da retidão. Pela Palavra desperta-os a desejar, buscar e alcançar esta mesma renovação. Assim Deus torna evidente a operação de sua mão, segundo a maneira de sua dispensação.

Nos reprovados, Deus usa a Palavra para sejam incomodados pelo testemunho da consciência e se rendam, indesculpáveis, no Dia do Juízo. João Calvino, *Institutas*, 2.5.5.

Isso equivale a dizer que, quando Deus nos abençoa na pregação, ele produz *conversão, consolação, capacitação e santificação*. Quando Deus nos julga na

pregação, saímos confusos e ainda mais endurecidos.

Depois disto, ouvi a voz do Senhor, que dizia: A quem enviarei, e quem há de ir por nós? Disse eu: eis-me aqui, envia-me a mim. Então, disse ele: Vai e dize a este povo: Ouvi, ouvi e não entendais; vede, vede, mas não percevais. Torna **insensível** o coração deste povo, **endurece-lhe** os ouvidos e **fecha-lhe** os olhos, para que não venha ele a ver com os olhos, a ouvir com os ouvidos e a entender com o coração, e se converta, e seja salvo. Is 6.8-10.

Porque povo rebelde é este, filhos mentirosos, filhos que não querem ouvir a lei do SENHOR. Eles dizem aos videntes: Não tendes visões; e aos profetas: Não profetizeis para nós o que é reto; dissei-nos coisas aprazíveis, profetizai-nos ilusões; desviái-vos do caminho, apartai-vos da vereda; não nos faleis mais do Santo de Israel. Pelo que assim diz o Santo de Israel: Visto que **rejeitais** esta palavra, confiais na opressão e na perversidade e sobre isso vos estribais, portanto, esta maldade vos será como a brecha de um muro alto, que, formando uma barriga, está prestes a cair, e cuja queda vem de repente, num momento. O SENHOR o quebrará como se quebra o vaso do oleiro, despedaçando-o sem nada lhe poupar; não se achará entre os seus cacos um que sirva para tomar fogo da lareira ou tirar água da poça. Is 30.9-14.

Esta voz me disse: Filho do homem, põe-te em pé, e falarei contigo. Então, entrou em mim o Espírito, quando falava comigo, e me pôs em pé, e ouvi o que me falava. Ele me disse: Filho do homem, eu te envio aos filhos de Israel, às nações rebeldes que se insurgiram contra mim; eles e seus pais prevaricaram contra mim, até precisamente ao dia de hoje. Os filhos são de duro semblante e **obstinados** de coração; eu te envio a eles, e lhes dirás: Assim diz o SENHOR Deus. Eles, quer ouçam quer deixem de

ouvir, porque são casa **rebelde**, não de saber que esteve no meio deles um profeta. Tu, ó filho do homem, não os temas, nem temas as suas palavras, ainda que haja sarças e espinhos para contigo, e tu habites com escorpiões; não temas as suas palavras, nem te assustes com o rosto deles, porque são casa rebelde. Mas tu lhes dirás as minhas palavras, quer ouçam quer deixem de ouvir, pois são rebeldes. Ez 2.1-7.

Então, Paulo e Barnabé, falando ousadamente, disseram: Cumprida que a vós outros, em primeiro lugar, fosse pregada a palavra de Deus; mas, posto que a **rejeitais** e a vós mesmos vos julgais indignos da vida eterna, eis aí que nos volvemos para os gentios. At 13.46.

Certa mulher, chamada Lídia, da cidade de Tiatira, vendedora de púrpura, temente a Deus, nos escutava; o Senhor lhe **abriu** o coração para **atender** às coisas que Paulo dizia. At 16.14.

Logo, tem ele misericórdia de quem quer e também **endurece** a quem lhe apraz. Rm 9.18.

E como pregarão, se não forem enviados? Como está escrito: Quão formosos são os pés dos que anunciam coisas boas!

Mas nem todos **obedeceram** ao evangelho; pois Isaías diz: Senhor, quem acreditou na nossa pregação? E, assim, a fé vem pela **pregação**, e a pregação, pela palavra de Cristo.

Mas pergunto: Porventura, não ouviram? Sim, por certo: Por toda a terra se fez ouvir a sua voz, e as suas palavras, até aos confins do mundo. Pergunto mais: Porventura, não terá chegado isso ao conhecimento de Israel? Moisés já dizia: Eu vos porei em ciúmes com um povo que não é nação, com gente insensata eu vos provocarei à ira. E Isaías a mais se atreve e diz: Fui achado pelos que não me procuravam, **revelei-me** aos que não perguntavam por mim. Quanto a Israel, porém, diz: Todo o dia

estendi as mãos a um povo rebelde e contradizente. Rm 10.15-21.

Há pessoas que saem de cultos em que a Palavra é fielmente pregada sem sentirem-se tocadas pela pregação, considerando isso normal. Há outras que ouvem pregações com espírito questionador e indiferente, pontuando mentalmente os supostos “erros” ou pontos de discordância do pregador, somente para comentar, em seguida, que “não gostaram” ou “não concordaram” com algum enunciado do mensageiro de Deus.

Tais indivíduos não percebem que a pregação é um dos principais meios de graça e que *o fato de estarem indiferentes indica que estão sob juízo divino, destituídos de sua dádiva de provisão espiritual.*

Por essa razão, *a pregação deve ser acompanhada de oração.* Tais pessoas precisam arrepender-se e clamar por misericórdia, a fim de que Deus, bondosamente, volte a falar-lhes por meio da pregação.

Deus, o Criador da Inteligência

Deus criou a inteligência. Ele respeita e estimula o uso do raciocínio humilde e regenerado.

De fato é verdade que a mente do homem está afetada pelas devastadoras conseqüências da Queda. (...) Tudo isso é verdade. Mas o fato de que a mente do homem é decaída não nos pode servir de desculpa para batermos em retirada, passando do pensamento à emoção, já que o lado emocional da natureza humana está igualmente decaído. De fato, o pecado traz mais efeitos perigosos à nossa faculdade de sentir do que à nossa faculdade de pensar, porque nossas opiniões são mais facilmente controladas pela verdade revelada que nossas experiências.

Assim, apesar do estado decaído da mente humana, ainda ao homem lhe é ordenado pensar e usar a sua mente, na condição de criatura humana que é. Deus convida o Israel rebelde: “Vinde, pois, e arrazoemos, diz o Senhor” (Is 1.18). John R. W., Sttot, *Crer é Também Pensar*, p. 15-16.

O discípulo maduro e reprodutivo evita os extremos do racionalismo, que enfatiza apenas as pregações cerebrais e do emocionalismo, que enfatiza somente o impacto nos afetos. Ele ouve pregações

certo de que *o Espírito, ao tocar o coração, produz emoções autênticas. No entanto, ele sabe que as emoções espirituais decorrem da aplicação da verdade de Deus à razão.* Por isso, aprende a examinar racionalmente cada parte do enunciado e das exigências do pregador. A base de seu arrazoado, logicamente, é sempre as Escrituras.

Avaliação das Exigências do Pregador

Aprendemos que o pregador tem autoridade para exigir algo coerente com a Escritura. Ele tem razões bíblicas para exigir obediência com amor, fervor (paixão, emoção) e urgência. Ele foi chamado por Deus para insistir, corrigir, exortar e rogar de forma persuasiva e pessoal. Ele é o servo de Deus na igreja estabelecido para exigir transformação, buscando cumprir os objetivos da pregação. Assim sendo, *o padrão para os pregadores reformados é que eles sejam consagrados, fervorosos, cheios do Espírito Santo e de autoridade espiritual.*

E, quando se encontraram com ele, disse-lhes: Vós bem sabeis como foi que me conduzi entre vós em todo o tempo, desde o primeiro dia em que entrei na Ásia, servindo ao Senhor com toda a humildade, **lágrimas** e provações que, pelas ciladas dos judeus, me sobrevieram, jamais deixando de vos **anunciar** coisa alguma proveitosa e de vo-la ensinar publicamente e também de casa em casa, testificando tanto a judeus como a gregos o arrependimento para com Deus e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo. At 20.18-21.

Ora, tudo provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo e **nos deu** o ministério da reconciliação, a saber, que Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões, e nos confiou a palavra da reconciliação. De sorte que somos embaixadores em nome de Cristo, como se Deus exortasse por nosso **intermédio**. Em **nome de Cristo**, pois, **rogamos** que vos reconcilieis com Deus. 2Co 5.18-20.

Assim, pois, amados meus, como sempre **obedecestes**, não só na minha presença, porém, muito mais agora, na minha ausência, desenvolvi a vossa salvação com temor e tremor. Fp 2.12.

Ninguém **despreze** a tua mocidade; pelo contrário, torna-te padrão dos fiéis, na palavra, no procedimento, no amor, na fé, na pureza. 1Tm 4.12.

Todos esses textos indicam que *a palavra de um pregador, na medida que reflete fielmente a Escritura, é voz de Deus e, portanto, deve ser obedecida*. Por outro lado, no ambiente da fé reformada, rejeitam-se quaisquer tipo de manipulações ou violações de consciência.

O Perigo das Manipulações

O termo “manipular” pode ser entendido como “engendrar, forjar, maquinar” ou ainda “controlar; dominar” (*Dicionário Aurélio Século XXI*). No contexto da pregação, significa, *exercer controle humano sobre as emoções, pensamentos e decisões dos ouvintes*. Técnicas de marketing ou psicologia, bem como imagens ou música são eficientes para produzir alterações na psique, favorecendo respostas previamente programadas pelos comunicadores. Isso tudo é diametralmente oposto ao efeito produzido pelo Espírito Santo, mediante a simples e fiel pregação da Palavra.

Ambientação ritual, ambiente de entretenimento e relatos emocionantes de problemas solucionados normalmente fazem parte de estruturas religiosas de manipulação, afastando as pessoas da pregação. Reuniões que giram em torno do atendimento dos desejos sentidos das multidões, ou de experiências irracionais, favorecem respostas entusiasmadas, mas destituídas de base bíblica. *Tudo isso é religiosidade centrada no homem e não produz conversão, consolo, capacitação e santificação*.

O discípulo maduro verifica, cuidadosamente, se o pregador está exigindo algo na base de manipulação. Se for assim, tal exigência não passa de apelo fanático humano e deve ser rejeitada.

A Liberdade de Consciência

O pregador fiel, mesmo falando bíblica, clara e duramente, *respeita a consciência individual de seus ouvintes*. Ele sabe que, do ponto de vista da doutrina da redenção, todos somos pecadores, salvos pela misericórdia divina. Ele sabe que *o Espírito Santo trata com cada ouvinte individualmente, no seu tempo, e não força as consciências*. Ele se dirige a cada pessoa com amor, bondade e elevada consideração. Além disso, ele toma o cuidado para não exigir nada que extrapole a Escritura. Na Igreja Cristã Reformada, *a autoridade do pregador jamais vai além daquilo que está contido na Bíblia*.

Não repreendas ao homem idoso; antes, exorta-o como a **pai**; aos moços, como a **irmãos**; às mulheres idosas, como a **mães**; às moças, como a **irmãs**, com toda a pureza. 1Tm 5.1-2.

O Perfil do Ouvinte Maduro

O discípulo maduro é aquele que ouve a pregação e *crê, sem ser ingênuo*. Ele escuta à pregação espiritualmente, com reverência, humildade e fé. Ele ouve com inteligência, discernindo se o conteúdo é bíblico e doutrinariamente sadio. Ao constatar a biblicidade da mensagem, sendo tocado pelo Espírito em sua mente, emoções e vontade, ele responde imediata, consistente e coerentemente, sem indiferença, precipitações emocionalistas ou fanatismos, mas com muito fervor e completa devoção.

O padrão para os ouvintes reformados é que eles sejam *autênticos seguidores do Senhor Jesus Cristo, tementes a Deus, cheios do Espírito Santo e submissos à autoridade espiritual*.

Conclusão

A pregação exige uma interação. O Espírito Santo, o pregador e o ouvinte relacionam-se dinamicamente. Do ponto de vista humano, tanto o mensageiro como aquele que ouve o sermão têm responsabilidades: um, de comunicar fiel e eficientemente; o outro, de ouvir aberta, humilde, atenta e inteligentemente.

A pregação decorre de uma teologia. O Deus pessoal fala através de sua Palavra

Oração, Vida na Presença de Deus: Conceitos Bíblicos 06

Objetivos para o Discipulador

- O discipulador *compreende* o que é e qual a importância da oração na vida do discípulo maduro e reprodutivo.
- O discipulador *adora* a Deus pela providência da oração — pelo fato de Deus decidir relacionar-se conosco.
- O discipulador *luta* contra os obstáculos que o impedem de orar.
- O discipulador *conduz* os discípulos, *no poder do Espírito Santo*, ao conhecimento, desfrute e prática da oração.

Objetivos para o Discípulo

- O discípulo compreende o que é e qual a importância da oração para sua vida.
- O discípulo compreende os tipos de oração.
- O discípulo aprende como desfrutar corretamente da oração.
- O discípulo aprende quais são os impedimentos à verdadeira oração e luta contra eles, suplicando ao Espírito Santo que lhe conceda intimidade com Deus.

Sugestão de passos para o encontro:

(1) Conversa inicial. (2) Leitura devocional do Sl 13. (3) Cântico do Hino 128. (4) Estudo Bíblico. (5) Oração. (6) Verificação de memorização do versículo. (7) Oração final.

Introdução

Neste estudo aprenderemos a desfrutar da oração como meio de graça e veremos a sua relação com o discipulado maduro e reprodutivo.

O que é a Oração?

Há quem considere a oração algo muito fácil, que pode ser feito de qualquer maneira, apenas balbuciando algumas palavras. Outros encaram a oração como um conjunto de palavras mágicas: a pronúncia de certas frases provê o atendimento imediato dos desejos humanos. Porém, a oração é a comunicação, por meio do Senhor Jesus Cristo, do discípulo com o Deus Altíssimo.

Oração e Comunhão

Através da oração, mantemos comunhão com o Senhor, Deus pessoal e relacional.

A verdadeira oração é o meio pelo qual crescemos no conhecimento de Cristo.

Através da oração acessamos as riquezas que estão disponíveis para nós, junto ao Pai Celestial. Pela oração entramos no santuário do céu, suplicando o cumprimento das promessas divinas para suprimento de nossas necessidades e confirmamos, na prática, que quando nos apegamos unicamente à Palavra, nossa confiança não é inútil. Isso significa que se você espera receber algo de Deus, deve lhe pedir isso em oração, pois, através dela é que são visualizados e escavados os tesouros prometidos no Evangelho. João Calvino, *Institutas*, 3.20.1. Adaptação de Misael B. Nascimento.

Por que Orar?

Oramos, basicamente, por seis motivos:³

1. Para que nossos corações sejam aquecidos com o desejo de buscá-lo, amá-lo e servi-lo. Na oração, aprendemos a considerar a Deus como âncora sagrada, a fonte de provisão para o atendimento de todas as nossas reais necessidades.
2. Para que sejamos santificados. Uma vida de oração nos impede de sermos levados, por nossos desejos, a fazer algo vergonhoso diante de Deus.
3. Para evitar que nossas mentes sejam perturbadas, enquanto aprendemos a colocar todos os nossos desejos à sua vista e derramamos nossos corações diante dele.
4. Para que estejamos preparados a receber todos os seus benefícios com verdadeira gratidão.
5. Para que saibamos que alcançamos o que lhe pedimos unicamente porque ele ouviu os nossos desejos. A partir de então, sejamos mais fervorosos em meditar sobre sua liberalidade e desfrutemos alegremente das misericórdias que ele nos tem concedido.
6. Para que saibamos que Deus não apenas promete, mas *jamais nos faltará*. O Senhor abrirá, conforme a



³ Adaptado de João Calvino, *obra citada*.

sua soberana vontade, a porta para que, no momento da necessidade, possamos apresentar-lhe nossas petições.

Tipos de Orações

O nosso relacionamento com Deus é rico, e a nossa comunicação com ele é multifacetada, por isso Bíblia registra alguns tipos de orações.

Louvor e Adoração: Neste tipo de oração reconhecemos *quem Deus é e o que ele tem feito* por nós.

Louvar-te-ei, Senhor, de todo o meu coração; contarei todas as tuas maravilhas. Sl 9.1.

Exultai, ó justos, no Senhor! Aos retos fica bem **louvá-lo**. Sl 33.1.

Celebrai com júbilo ao Senhor, todos os confins da Terra; aclamai, regozijai-vos e cantai **louvores**. Sl 98.4.

Louvai ao Senhor, vós todos os gentios, louvai-o, todos os povos. Sl 117.1.

Aleluia, louva, ó minha alma, ao Senhor. Louvarei ao Senhor durante a minha **vida**; cantarei louvores ao meu Deus enquanto eu viver. Sl 146.1-2.

Invocação: Na oração de invocação suplicamos a Deus que manifeste graciosamente sua presença, especialmente, concedendo-nos direção para o culto.

A Sete nasceu-lhe também um filho ao qual pôs o nome de Enos, daí se começou a **invocar** o nome do Senhor. Gn 4.26.

Invoca-me, e te responderei; anunciar-te-ei coisas grandes e ocultas, que não sabes. Jr 33.3.

Confissão: Neste tipo de oração confessamos a Deus os nossos pecados; reconhecemos que pecamos e pedimos a ele que nos conceda verdadeiro arrependimento (ódio ao pecado e abandono da iniquidade) e perdão (purificação pelo sangue do Senhor Jesus Cristo).

Confessei-te o meu pecado e a minha iniquidade não mais ocultei. Disse: confessarei ao Senhor as minhas transgressões; e tu **perdoaste** a iniquidade do meu pecado. Sl 32.5-6.

Confesso a minha iniquidade; suportarei tristeza por causa do meu pecado. Sl 38.18.

Lava-me completamente e purifica-me do meu pecado, pois eu **conheço** as minhas transgressões e o meu pecado está sempre diante de mim. **Pequei** contra ti, contra ti somente, e fiz o que é mal perante os teus olhos, de maneira que serás tido por justo, no teu falar e puro no teu julgar. Sl 51.42-4.

O que **encobre** as suas transgressões jamais prosperará, mas o que as **confessa** e deixa alcançará misericórdia. Pv 28.13.

Petição e Intercessão: Neste tipo de oração apresentamos a Deus as necessidades nossas e de outras pessoas, pedindo que ele venha supri-las conforme a sua vontade.

Ouve-me as vozes súplicas, quando a ti clamar por socorro, quando erguer as mãos para o teu santuário. Sl 28.2.

Ó Deus, **salva-me**, pelo teu nome, e faze-me justiça, pelo teu poder. **Escuta**, ó Deus, a minha oração, dá ouvidos às palavras da minha boca. Sl 54.1-2.

Eu sou pobre e necessitado; ó Deus **apressa-te** em valer-me, pois tu és o meu amparo e o meu libertador. Sl 70.5.

Antes de tudo, pois, exorto que se use a prática de súplicas, orações, **intercessões**, ações de graça, **em favor** de todos os homens, em favor dos reis e de todos os que se acham investidos de autoridade, para que vivamos vida tranqüila e mansa, com toda piedade e respeito. 2Tm 2.1-2.

Ações de Graças: Neste tipo de oração agradecemos a Deus por todas as bênçãos que ele nos tem concedido.

Rendei graças, ao Senhor, porque ele é bom, porque a sua misericórdia dura para sempre. Sl 136.1.

Dize a Deus: Que **tremendos** são os teus feitos! Pela grandeza do teu poder, a ti se mostram submissos os teus inimigos. Sl 66.3.

Bendito seja o Senhor que meu ouviu as vozes súplicas. Sl 28.6.

Amo o Senhor, porque ele **ouve** a minha voz, e as minhas súplicas, porque inclinou os seus ouvidos, invocá-lo-ei enquanto eu viver. Sl 116.1-2.

Render-te-ei **graças**, Senhor, de todo o meu coração, na presença dos poderosos, te cantarei louvores. Sl 138.1.

Dando sempre graças por **tudo** a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo. Ef 5.20.

Como Orar? Princípios Bíblicos Para a Oração

Para orarmos verdadeiramente, observamos o que Deus deixou revelado em sua Palavra. Ela é o fundamento sólido, o nosso manual de oração e nos ensina sobre a oração que agrada ao Senhor.

Em nome de Jesus: O simples ato de falar com Deus, só pode ser eficaz se for feito “em nome de Jesus”. Isso não significa que a oração em nome de Jesus, seja, em si mesma, mágica. Orar em nome de Jesus é reconhecer que não somos capazes de chegar até Deus por nossos próprios méritos, mas somente por causa da justiça de Jesus.

A verdadeira oração é *trinitária*. Oramos ao Pai, através do Filho, com a assistência do Espírito Santo. Nos dirigimos a Deus, nosso Pai Celestial, com respeito, amor e devoção, através dos merecimentos de seu Filho, Jesus Cristo, e com a ajuda do Espírito Santo, já que a Bíblia afirma que “não sabemos orar como convém”, mas o Espírito Santo “intercede por nós”.

Se me pedirdes alguma coisa em meu **nome**, eu o farei. Jo 14.14.

Tu porém, quando orares, entra no teu quarto, e fechada a porta, orarás a teu **Pai**, que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará. Mt 6.6.

Também o **Espírito**, semelhantemente, nos assiste em nossa fraqueza; porque não sabemos orar como convém, mas o mesmo Espírito **intercede** por nós sobremaneira, com gemidos inexprimíveis. Rm 8.26.

Orar Segundo a Vontade de Deus: A oração não força Deus a fazer *nossa vontade*. A verdadeira oração é um meio para nos *ajudar a desejarmos a vontade de Deus*. Deus, graciosa e soberanamente, pode cumprir sua vontade sozinho, mas preferiu nos incluir em seu plano, inspirando-nos para orar de maneira que a sua vontade seja cumprida. A verdadeira oração aqui na terra, nada mais é do que a *expressão da vontade de Deus no céu*. A oração não altera o que Deus já determinou, mas é o meio de encaminhar a realização do que já foi divinamente decretado. Quando estamos em comunhão com Deus, através da oração verdadeira, nossos desejos e vontades são submetidos à sua vontade que é “boa, agradável e perfeita” (Rm 12.2).

Seja feita a tua **vontade**, assim na terra, como no céu. Mt. 6.10.

Meu Pai, se possível, passe de mim este cálice! Todavia, não seja como **eu** quero, e sim como **tu** queres. Mt 26.39.

Esta é a confiança que temos para com Ele: que, se pedirmos alguma coisa **segundo a sua vontade**, Ele nos ouve. 1Jo 5.14.

Deus é quem concede ao cristão o desejo de cultivar uma vida de oração. A ausência de tal desejo é preocupante. Significa que o coração da pessoa não pertence ao Senhor ou, nas melhor das hipóteses, que Deus, justíssimo, está disciplinando o indivíduo ou mesmo toda uma igreja. É preciso clamar e chorar, para que Deus conceda aos seus filhos fome e sede de sua presença.

E sobre a casa de Davi e sobre os habitantes de Jerusalém **derramarei** o espírito de graça e **súplica**; olharão para aquele a quem traspassaram; pranteá-lo-ão como quem pranteia por um unigênito e chorarão por ele como se chora amargamente pelo primogênito. Zc 12.10.

A minha alma tem **sede** de Deus, do Deus vivo; **quando** irei e me verei perante a face de Deus? Sl 42.2.

Orar com Fé: Há uma relação entre a verdadeira fé e a invocação de Deus. A fé que recebemos no conhecimento do Evangelho, nos motiva a invocar ao

Senhor, e a confiar que ele nos dará aquilo que estamos pedindo, segundo a sua vontade.

Peça-a, porém com **fé**, em nada **duvidando**; pois o que duvida é semelhante à onda do mar, impelida e agitada pelo vento. Tg 1.6.

Orar com Fervor e Humildade: A oração não é uma prática mecânica ou rotineira, a ser implementada como uma mera obrigação. Quando oramos, estamos diante do Deus todo-poderoso e isso denota a necessidade de humildade — o reconhecimento de que não somos dignos, por nossos méritos, de permanecermos em sua presença.

O conceito bíblico de intimidade pode ser mal-compreendido. Há quem pense que é possível aproximar-se de Deus de qualquer forma, ou tratá-lo de igual para igual e, em casos extremos, até como um ser inferior, *ordenando-lhe* que faça aquilo que é desejado pelo homem. A Escritura nos ensina que devemos nos aproximar do Senhor com amor, reverência e respeito (temor): a sua intimidade é “para os que o *temem*” (Sl 25.24 — ênfase acrescentada).

A oração verdadeira exige *concentração* e *fervor*. Oramos a Deus com a totalidade de nossa inteligência, emoções, forças e vontade.

Essa realmente é uma idéia odiosa, de alguém suplicar o perdão de seus pecados sem sentir-se ou considerar-se pecador, fazendo da oração um mero exercício de ficção e com isso zombando do próprio Deus. Os piedosos, porém, tomam o cuidado de apresentar a Deus somente aquilo que verdadeiramente desejam obter. E mesmo quando pedimos algo para a glória divina — algo que, à primeira vista, não satisfaça uma necessidade pessoal — precisamos rogar com veemência. Destarte, ao pedirmos que seu nome seja santificado (Mt 6.9; Lc 11.2), é preciso que tenhamos fome e sede dessa santificação. João Calvino, *Institutas*, 3.20.1. Adaptação de Misael B. Nascimento.

Tens ouvido, Senhor, o desejo dos **humildes**; tu lhes fortalecerás o coração e lhes acudirá. Sl 10.17.

A isto ele [Jesus] respondeu: Amarás, o Senhor, teu Deus, de todo o teu

coração, de toda a tua **alma**, de todas as tuas **forças** e de todo o teu **entendimento**. Lc 10.27.

Orar com Sinceridade: O Senhor Jesus Cristo chamou alguns homens, que eram tidos como consagrados e santos, de “hipócritas”. Eles cumpriam horários fixos de oração e, ao que parece, dirigiam-se à sinagoga, templo, praças ou ruas de grande movimento, justamente nesses horários, a fim de demonstrar sua religiosidade, orando publicamente e em alta voz. Aquelas pessoas eram recompensadas à medida em que eram “admiradas” pelo povo. (William Hendricksen, *Comentário do Novo Testamento: Mateus — Volume 1*, p. 452-453).

O Senhor Jesus nos convida para a oração *sincera*, “em secreto”, o derramamento de nossos corações na presença divina, sem o desejo ou preocupação de impressionar alguém que esteja nos observando.

E, quando orardes, **não** sereis como os hipócritas; porque gostam de orar em pé nas sinagogas e nos cantos das praças, para serem vistos dos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa. Tu, porém, quando orares, entra no **teu quarto** e, fechada a porta, orarás a teu Pai, que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te **recompensará**. Mt 6.5-6.

Orar com Simplicidade: Algumas pessoas alteram o tom de voz quando oram publicamente; outras passam a utilizar termos por demais eruditos tais como “amantíssimo, excelso e transcendente Pai das Galáxias”. Não há problema em usar esses termos se isso fizer parte do vocabulário normal do indivíduo. O problema é quando isso é feito artificialmente, apenas para “criar um clima” ou passar uma impressão de santidade. Como veremos no próximo estudo, a oração ensinada pelo Senhor é um convite ao diálogo simples e sincero.

Obstáculos à Oração

E. M. Bounds, no livro *Prayer and Revival* (Oração e Avivamento),⁴ cita alguns impedimentos para o desenvolvimento da verdadeira vida de oração. Observe que *oração verdadeira e santidade prática andam de mãos dadas*: o que prejudica a pureza impede a oração e vice-versa. Eis os principais empecilhos:

Pecado: Os pecados que não são rejeitados ou combatidos, prejudicam a prática da oração. Deus não ouve a oração da pessoa que deseja continuar na prática do pecado. O pensamento rebelde ou insensato é pecado; o olhar de cobiça ou lascívia do coração é pecado. É preciso clamar a Deus por um coração puro. “Mãos santas” devem ser levantadas em oração. A pessoa que ora precisa estar certa tanto no seu coração quanto em suas ações. Guardar os mandamentos de Deus e fazer o que lhe agrada nos dá segurança de que somos recebidos em sua presença. Pecados escondidos, ocultos por parcialidade ou por hábito, retidos por indulgência, contemporização, ou ignorância deliberada; estas coisas, como o lagarto no botão ou veneno no sangue, destruirão a flor e a vida da oração.

Se eu no coração contemplara a **vaidade**, o Senhor não me teria ouvido. Sl 66.18.

Pelo que, quando estendeis as mãos, **escondo** de vós os olhos; sim, quando multiplicais as vossas orações, não as **ouço**, porque as vossas mãos estão cheias de **sangue**. Lavai-vos, purificai-vos, tirai a maldade de vossos atos de diante dos meus olhos; cessai de fazer o mal. Aprendei a fazer o bem; atendei à justiça, repreendei ao opressor; defendei o direito do órfão, pleiteai a causa das viúvas. **Vinde**, pois, e arrazoemos, diz o SENHOR; ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a lã. Is 1.15-18.

Eis que a mão do Senhor não está encolhida, para que não possa salvar; nem surdo o seu ouvido, para que não poder ouvir. Mas as vossas **iniquidades** fazem **separação** entre vós e o vosso Deus; e os vossos pecados encobrem o seu rosto de vós, para que vos não **ouça**. Is 59.1-2.

Mundanismo: O apego aos valores e práticas mundanas prejudica a oração. O mundo tem um efeito mais negativo sobre a oração do que todas as águas poluídas e infestadas de um brejo teriam sobre a saúde. Obscurece a visão para cima, anula os impulsos espirituais e corta as asas das santas aspirações.

Nossas cobiças, como remanescente do pecado que ainda habita em nós, são o elo que nos prende ao mundo. São a cidadela, ou as fortalezas de fronteira, das quais nosso inimigo, o mundo, ainda não foi expulso. Oramos, mas não recebemos porque o mundo dentro de nós corromperia todas as respostas. Enquanto nossas cobiças têm permissão para ficar, inspiram e tingem todas nossas orações com desejos mundanos. Para alcançar a Deus e receber algo dele, é absolutamente imprescindível que se esteja morto para o mundo. Se quisermos que Deus abra seus ouvidos para nós, precisamos ter nossos ouvidos fechados para o mundo. Um coração impregnado, ou contaminado por mínimo que seja com o mundo, não conseguirá subir em direção a Deus assim como uma águia com asas quebradas não consegue subir em direção ao sol. O homem que Tiago descreve como uma onda do mar, impelido e agitado pelo vento (Tg 1.6), é o homem mundano, cujas energias espirituais e decisões são quebradas pelas influências e infusões do mundo. Ele tem ânimo dobre, metade para Deus e metade para o mundo, ora para o céu, ora para a terra.

Falta de santidade, impaciência, ou qualquer outra atitude, pensamento, sentimento ou ação que não esteja em harmonia com o Espírito de Deus — tudo isso prejudica a oração. Uma fé perturbada por dúvidas, ou que desfalece por cansaço ou fraqueza, produzirá poucos frutos na oração. Os elementos que enfraquecem os nervos e músculos espirituais para as grandes lutas impedirão a oração.

⁴ Texto adaptado por Ivonete Silva. Extraído do Site Monergismo, em http://www.monergismo.com/textos/oracao/empecilhos_oracao.htm. Revisão de Misael B. Nascimento.

Precisamos de homens e mulheres dispostos a removerem todos os empecilhos à oração, pessoas cuja visão espiritual foi inteiramente purificada de névoas, nuvens e escuridão, guerreiros que têm carta branca de Deus e nervos espirituais firmes para usar esta carta a fim de suprir cada necessidade espiritual.

Pedis e não recebeis, porque pedis mal, para **esbanjardes** em vossos **prazeres**. Tg. 4.3.

Não suponha esse homem que **alcançará** do Senhor alguma coisa. Tiago 1.7.

Não ameis o **mundo** nem as coisas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele; porque tudo que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procede do Pai, mas procede do mundo. Ora, o mundo passa, bem como a sua concupiscência; aquele, porém que faz a **vontade** de Deus permanece eternamente. 1Jo 2.15-16.

Orgulho: Em virtude da Queda, o ser humano é naturalmente orgulhoso. O orgulho destrói a humildade, gera vaidade e transfere a fé em Deus para uma confiança em si mesmo. O orgulho produz a sensação de estar “cheio em si mesmo” e de não precisar de “mais nada”. O orgulhoso pode até orar regularmente, mas é oração de fariseu, um desfile do ego, uma publicação de bondade própria. O orgulho se esconde sob o disfarce de gratidão a Deus, louvando a pessoa enquanto se utiliza incenso do altar do ego. O orgulho se manifesta no desfile das obras religiosas e na exibição de realizações. A oração autêntica nasce no solo da humildade, mas o orgulho procura os lugares mais altos. As asas da oração devem ser cobertas de pó, mas o orgulho cobre suas asas com o brilho e ouro do ego. O vazio da vaidade, o egoísmo de pensamentos centrados em si mesmo e de conversas que exaltam a própria pessoa são todos empecilhos à oração, porque declaram a presença do orgulho. Deus, de acordo com o apóstolo, resiste ao orgulho, e dispõe todos seus exércitos contra ele.

Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te vêem. Por isso, me **abomino** e me **arrependo** no pó e na cinza. Jó 42.5-6.

Deus **resiste** aos soberbos, mas dá graça aos humildes. Tg. 4.6b.

Rancor: Nutrir ressentimentos, vingança, retaliação, intolerância e falta de perdão pleno e total a todos os que nos prejudicaram — tudo isso impede uma vida rica de oração. Não avançaremos um centímetro enquanto não reconhecermos estes sentimentos e declararmos com sinceridade: “Perdoame, Deus, da mesma forma como perdoo aos outros”. Quando deixamos de aplicar misericórdia a todos os males que já foram praticados contra nós, estamos automaticamente interrompendo nossa capacidade de orar.

É possível orar com ira no nosso coração, mas esta oração é pecaminosa (a não ser que seja no sentido de pedir a Deus que retire de nós tal ira). Todos estamos sujeitos a sermos feridos diariamente. A vingança ou desafeto para com a pessoa que nos feriu, congela a nossa capacidade de orar. O perdão reflete o conhecimento do evangelho, e precisa fazer-se presente antes que a verdadeira oração seja proferida pelos lábios.

E perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos **perdoado** aos nossos devedores. Mt 6.12.

Porque, se **perdoardes** aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará; se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, tampouco vosso Pai vos **perdoará** as vossas ofensas. Mt 6.14.

Discórdias no Lar: O amor, paz e união familiar, afeta a oração. Discórdias domésticas prejudicam a prática da oração. O apóstolo exorta às esposas e aos maridos para viverem no mais puro amor e mais doce união, para que suas orações não sejam impedidas. Confusão numa fonte de águas quebra a serenidade da superfície, e o fluir calmo e pacífico da corrente. Uma discórdia familiar quebra e separa todos os fios trançados que formam a oração.

Maridos, vós igualmente, vivei a vida comum do **lar**, com discernimento; e, tendo consideração para com a vossa

mulher como parte frágil, trate-a com dignidade, porque sois, juntamente, herdeiros da mesma graça de vida, para que não se **interrompam** as vossas orações.

1Pe 3.7.

Conclusão

Deus deseja relacionar-se com seus eleitos e para isso estabeleceu a oração. O discípulo maduro e reprodutivo, entende o significado da oração e desfruta dessa graça com fervor, alegria humildade e fé, procurando a cada dia aumentar a sua intimidade com Deus. Ele reconhece a soberania divina e submete-se à vontade do Pai Celestial. Ele cuida para que o pecado e o mundo não o impeçam de desfrutar da comunhão íntima e diária com Deus. Ele entende que a vida cristã sem oração é morta e infrutífera.

Fique Alerta

Em alguns círculos religiosos a oração tem sido usada como uma espécie de *mágica*: o orante profere palavras que aparentemente possuem o poder de mover a divindade para o alcance dos desejos humanos. Em outros, a oração é tida como uma comunhão mística e irracional com uma divindade (as idéias de “mergulhar” em Deus ou “desfazer-se” no Espírito de Deus são sempre presentes nesse tipo de ênfase). Nos círculos esotéricos a prática da oração é substituída por técnicas de “transferência de energia” tais como o *Johrei* e exercícios de auto-desenvolvimento, autoconhecimento e auto-adoração tais como a Meditação Transcendental, *loga* ou o *Tai Chi Chuan*. A Bíblia ensina que a verdadeira oração é um diálogo simples, que aprofunda a comunhão amorosa do discípulo com o Senhor, Deus pessoal. E enquanto tal comunhão é aprofundada, Deus atende as petições de acordo com sua soberana vontade.

Para Memorizar

“Orai sem cessar”. 1Ts 5.17.

Perguntas

1. Explique o conceito bíblico de oração, e modo como ele diverge de algumas idéias e práticas atuais.
2. Cite três razões pelas quais podemos e devemos orar.
3. Com base nos diversos tipos de

orações, o que podemos aprender sobre Deus, e sobre a forma como ele se relaciona conosco?

4. Considerando as diversas orientações sobre *como orar*, destaque uma dentre elas, cuja prática é mais difícil para você. Por quê?

5. Sonde o seu coração e faça uma lista dos empecilhos mais freqüentes em sua experiência pessoal de oração. Apresente estas questões ao Senhor e persevere em sua presença, suplicando por transformação, até ser *totalmente* liberto.

Leitura Devocional Semanal

Dia 01. Mt 6.5-6.

Dia 02. Mt 6.7-8.

Dia 03. Mt 6.9.

Dia 04. Mt 6.10.

Dia 05. Mt 6.11.

Dia 06. Mt 6.12.

Dia 07. Mt 6.13.

Dia 08. Sl 145.6-8.

Dia 09. 2Ts 2.16-17.

Dia 10. Mt 26.20-41.

Dia 11. Dt 8.3.

Dia 12. Mt 18.23-35.

Dia 13. 1Pe 5.6-10.

Dia 14. 1Cr 29.10-13.

Para Saber Mais

- ▶ *As Institutas da Religião Cristã*, de João Calvino, vol. 2, capítulo 5.
- ▶ *Comentário do Novo Testamento: Mateus — Volume 1*, de William Hendricksen.
- ▶ *Oração Eficaz*, de Charles Spurgeon.
- ▶ *Orando com os Salmos*, de Dietrich Bonhoeffer.
- ▶ *Orar com Deus*, de James Houston.
- ▶ *Prayer and Revival (Oração e Avivamento)*, de E. M. Bounds com Darryl King.
- ▶ Site Monergismo: www.monergismo.com/?secao=oracao.



Anotações

Oração, Vida na Presença de Deus:

O Pai Nosso. As três primeiras petições

07



Objetivos para o Discipulador

- O discipulador *aprende* o modelo bíblico da oração do Pai Nosso.
- O discipulador *conduz* os discípulos, *no poder do Espírito Santo*, ao conhecimento e desfrute das verdades contidas na oração do Pai Nosso.

Objetivos para o Discípulo

- O discípulo *aprende* o significado do prefácio e três primeiras petições feitas na oração do Pai Nosso.
- O discípulo *memoriza* a oração do Pai Nosso.
- O discípulo *ora* de acordo com os princípios estabelecidos pelo Senhor na oração do Pai Nosso.

Sugestão de passos para o encontro:

(1) Conversa inicial. (2) Leitura devocional de Mt. 6.9-13. (3) Cântico do Hino 130. (4) Estudo Bíblico. (5) Oração. (6) Verificação de memorização do versículo e da oração do Pai Nosso. (7) Oração final.

Introdução

Em certa ocasião, Jesus estava orando, e quando terminou, ouviu o pedido de um dos seus discípulos: “Senhor, ensina-nos a orar” (Lc 11.1). O Mestre respondeu ao pedido fornecendo um modelo que chamamos de “Oração Dominical” ou “Oração do Pai Nosso”. Esse modelo supera todos os manuais escritos sobre a oração e deve ser considerado em cada fala do discípulo, direcionada ao seu Pai Celestial.

É possível orar o Pai Nosso sem refletir sobre os significados das palavras pronunciadas. Daí a necessidade de compreendermos cada uma das petições ensinadas pelo Senhor.

A oração do Pai Nosso consiste em três partes, *prefácio*, *petições* e *conclusão*.

- ⁹ Portanto, vós orareis assim:] *prefácio*
Pai nosso, que estás nos céus,
santificado seja o teu nome;
¹⁰ venha o teu reino;
faça-se a tua vontade,
assim na terra como no céu; | *petições*

- ¹¹ o pão nosso de cada dia dá-nos hoje;
¹² e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores;
¹³ e não nos deixes cair em tentação;
mas livra-nos do mal
pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém!
Mt 6.9-13.

petições

conclusão

O Prefácio: “Pai Nosso que Estás Nos Céus”

O Pai Nosso inicia com o reconhecimento de *quem é Deus*. Nesse sentido, trata-se de uma oração teocêntrica, ou seja, *centrada em Deus*. O discípulo não começa pedindo aquilo de que necessita imediatamente, mas volta os olhos para os céus e vislumbra ao Senhor, que é revelado como Deus Pai dos eleitos, Deus fora do homem e Deus superior ao homem.

O Deus que é Pai dos **Eleitos**

O Deus a quem nos dirigimos na oração é o Pai dos regenerados. Ele *não é Pai, salvificamente falando, de todos os seres humanos*. Na verdade, todas as pessoas são criaturas dele, mas, os que crêem e servem ao Senhor Jesus são adotados, constituídos filhos e herdeiros de suas riquezas espirituais. Em outros termos, o Pai Nosso só pode ser orado com pertinência por aqueles que verdadeiramente “nasceram de novo” e foram justificados através da fé no sacrifício expiatório de Jesus Cristo.

Veio para o que era seu, e os seus não o receberam. Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de **serem feitos** filhos de Deus, a saber, aos que **crêem** no seu nome; os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus. Jo 1.11-13.

Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são **filhos** de Deus. Porque não recebestes o espírito de escravidão, para viverdes, outra vez, atemorizados, mas recebestes

o espírito de **adoção**, baseados no qual clamamos: Aba, **Pai**. O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus. Ora, se somos filhos, somos também **herdeiros**, herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo; se com ele sofremos, também com ele seremos glorificados. Rm 8.14-17.

Além disso, Deus é o Pai não apenas do indivíduo, mas de todos os crentes. Martinho Lutero⁵ destaca que, ao falar “Pai Nosso” e não “Meu Pai”, o Senhor Jesus ensinando-nos que a oração não tem uma propriedade apenas individual, mas *familiar e comunitária*.

O Deus que é Encontrado **Fora** do Homem

O Deus verdadeiro é distinto de sua criação. A oração não é um exercício de autodescobrimento. Nela não nos empenhamos para encontrar a divindade oculta *dentro de nós*. A oração é uma fala consciente com outra pessoa, e *essa pessoa é o Deus transcendente*, ou seja, que *existe fora de sua criação*. Orar à criatura é a essência da idolatria. A verdadeira oração dirige-se a Deus que “estás nos céus” (Mt 6.9).

Eu sou o SENHOR, este é o meu nome; a minha glória, pois, **não a darei a outrem**, nem a minha honra, às imagens de escultura. Is 42.8.

O Deus que é **Superior** ao Homem

O Deus verdadeiro, a quem oramos, está “nos céus”, acima de nós. Ele é o Ser Supremo, o Criador, o Soberano; nós somos suas criaturas. Fomos dignificados pela adoção mas não confundimos as coisas. Sabemos que não somos iguais ou superiores a ele. Não podemos forçá-lo, enquadrá-lo ou manipulá-lo. Ele é quem dá as ordens e nós obedecemos. Através dos méritos do Senhor Jesus, aproximamo-nos de Deus com confiança e, ao mesmo tempo, com respeito e reverência.

Acheguemo-nos, portanto, **confiadamente**, junto ao trono de graça, a fim de recebermos **misericórdia** e acharmos graça para

socorro em ocasião oportuna. Hb 4.16.

O filho honra o pai, e o servo, ao seu senhor. Se eu sou o pai, onde está a minha **honra**? E, se eu sou senhor, onde está o **respeito** para comigo? — diz o SENHOR dos Exércitos a vós outros, ó sacerdotes que desprezais o meu nome. Ml 1.6.

A partir deste ponto podem ser feitas algumas afirmações:

- A oração verdadeira inicia focalizando a pessoa de Deus, reconhecendo suas qualidades.
- A oração verdadeira prossegue focalizando a pessoa do próximo: “nosso” (Mt 6.9). De acordo com Lutero, “Deus deseja que nos amemos carinhosamente, como irmãos, e que oremos uns pelos outros”.
- Ao chamarmos Deus de “Pai”, reconhecemos que *somos seus filhos*. Martinho Lutero afirma que “não há voz mais tenra do que a do filho quando chama seu pai”.
- Quando falamos “que estás nos céus”, admitimos a nossa situação de miséria e nos sentimos movidos a suplicar incessantemente a misericórdia divina. Reconhecemos que, ao mesmo tempo em que temos um Pai poderoso que mora no céu, somos criaturas miseráveis que habitam aqui na terra. É como se fosse o grito de anseio do filho que vive longe da felicidade do seu lar paterno, e que depende unicamente do seu pai para levá-lo ao seu lar. Quem pode nos levar aos céus, a não ser o Pai?

Nossa Fé

O que nos ensina o prefácio da Oração Dominical? O prefácio da Oração Dominical, que é: “Pai nosso que estás no céus”, nos ensina, quando orarmos, a nos aproximarmos de Deus com confiança na sua bondade paternal e no nosso interesse nele; com reverência e todas as outras disposições de filhos, afetos celestes e a devida apreensão do seu soberano poder, majestade e graciosa condescendência; assim como o orar com outros e por eles.

Catecismo Maior, pergunta 189.

⁵ As diversas citações de Martinho Lutero são provenientes do livro *A Oração do Pai Nosso*.

Ora, se vós que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais o Pai Celestial **dará** o Espírito Santo àquele que lho pedirem. Lc 11.13.

Porque não recebeste o espírito de escravidão para viverdes outra vez atemorizados, mas recebestes o Espírito de adoração, baseado no qual clamamos: **Aba Pai**. Rm 8.15.

A ti, que **habitas** aos céus, elevo meus olhos. Sl 123.1.

As Sete Petições

O Pai Nosso é uma oração que contém sete petições. Podemos enxergar nessas petições, sete advertências ou ensinamentos. Cipriano, citado por Lutero, afirmou que tais pedidos são sinais “de nossa desgraça e pobreza”, que levam o homem ao “conhecimento de Deus e de si mesmo”. Neste estudo analisaremos as três primeiras petições.

A Primeira Petição: “Santificado Seja o Teu Nome”

O lugar da primeira petição não é acidental: Começamos a orar lembrando-nos da glória e honra do nome de Deus, antes de qualquer coisa. Tal petição relaciona-se com a confirmação da igreja, o reconhecimento da singularidade do nome e o amor à santidade de Deus.

A Confirmação da Igreja

A primeira petição aponta para uma profecia do Antigo Testamento, de reunificação do povo de Israel:

Dize, portanto, à casa de Israel: Assim diz o SENHOR Deus: Não é por amor de vós que eu faço isto, ó casa de Israel, mas pelo meu santo nome, que profanastes entre as nações para onde fostes. Vindicarei a santidade do meu grande nome, que foi profanado entre as nações, o qual profanastes no meio delas; as nações saberão que eu sou o SENHOR, diz o SENHOR Deus, quando eu vindicar a minha santidade perante elas. Tomar-vos-ei de entre as nações, e vos congregarei de todos os países, e vos trarei para a vossa terra. Ez 36.22-24.

O Senhor Jesus revela que, através dele, o povo de Deus está sendo novamente reunido e que deve ser

suplicado ao Pai que confirme sua promessa de reconstituir e renovar — de fazer sua igreja, verdadeiramente, *povo de Deus*. Isso significa que, a cada vez que a igreja é dividida, fragmentada ou maculada com um testemunho indigno, o nome de Deus é blasfemado entre os pagãos.

O Reconhecimento da Santidade do Nome Divino

Em segundo lugar, a petição aponta para a necessidade de reconhecimento da santidade do nome ou caráter divino. Suplicamos graça para que o Senhor nos capacite para que seu nome não seja profanado ou blasfemado em nossas vidas, e que o glorifiquemos, testemunhando dele ao mundo que ainda não o reconhece como Deus.

O Amor à Santidade de Deus

Em terceiro lugar, somos estimulados a amar a santidade do nome de Deus. À medida em que se aproxima de Deus, o discípulo ama mais a pureza. Ele não busca ao Senhor por medo do inferno, mas por amor à sua santidade, tal como ensinou Jonathan Edwards: “O céu é para as pessoas que amam a pureza, e não para aquelas que simplesmente detestam a dor” (John Piper, *Supremacia de Deus na pregação*, p. 91).

Isso configura um ataque frontal à soberba, que é a essência de todo pecado.

A soberba assemelha-se à cabeça de serpente: esta tem a vida na cabeça, e morta a cabeça, a serpente é inofensiva. Do mesmo modo os pecados também seriam inofensivos depois de morta a soberba. Contudo, é um fato que ninguém está livre da soberba e do amor próprio; e por isso essa petição é necessária e útil a todos os homens. Martinho Lutero, *obra citada*, p. 49.

Tu, que te glorias na lei, desonras a Deus pela transgressão da lei? Pois, como está escrito, o nome de Deus é **blasfemado** entre os gentios por vossa causa. Rm 2.23-24.

Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e **glorifiquem** a vosso Pai que está nos céus. Mt 5.16.

Nossa Fé

O que pedimos na primeira petição?

Na primeira petição [...] reconhecendo a inteira incapacidade e indisposição que há em nós e em todos os homens, de honrar a Deus como é devido —, pedimos que ele, pela sua graça, nos habilite e nos incline, a nós e aos demais, a conhecê-lo, confessá-lo e altamente estimar, a ele e a seus títulos, atributos, ordenanças, palavras, obras e tudo aquilo por meio do qual ele se dá a conhecer; a glorificá-lo em pensamentos, palavras e obras; que impeça e remova o ateísmo, a ignorância, a idolatria, a profanação e tudo quanto o desonre; que pela sua soberana providência dirija e disponha tudo para a sua própria glória.

Catecismo Maior, pergunta 190.

A Segunda Petição:

“Venha o Teu Reino”

A petição “venha o teu reino” complementa e ao mesmo tempo expande a idéia de santificação do nome divino. O nome que é santificado deve, agora, ser *reconhecido* e *servido*.

Diversos Aspectos do Reino de Deus

Para entendermos a súplica, é preciso analisarmos as diversas facetas da idéia de reino de Deus. Biblicamente, podem ser feitas quatro afirmações:

- Existe um reino cósmico de Deus, estabelecido na criação. Deus reina, *agora mesmo*, sobre todo o universo, de forma que nada ocorre fora de seu Plano Soberano Perfeito. Por causa da Queda, porém, as pessoas não-convertidas não reconhecem esse reinado divino. Satanás e os homens, orientados pelo pecado, rebelam-se contra o Rei dos reis e Senhor dos senhores. Por isso mesmo, o Antigo Testamento contém promessas da chegada de um Reino de Redenção, eterno, que haveria de ser confirmado pela vinda do Messias ou Cristo.
- Com a encarnação e obra completa do Senhor Jesus Cristo, chegou o Reino Messiânico. O Redentor abriu as portas do reino para os eleitos. Aqueles que confiam nele são súditos do reino e buscam restabelecer, na criação, a adoração

ao Deus verdadeiro, Rei do Universo.

- Os súditos de Cristo são combatidos, nesta vida, pelo reino parasita de Satanás. Lutam contra a carne, o mundo e o diabo, esforçando-se por estabelecer, no mundo decaído, os valores do reino eterno. Já fazem parte do reino mas ainda anseiam por sua manifestação definitiva. Tais crentes passam a participar imediatamente do aperfeiçoamento deste reino quando são glorificados, logo após sua partida desta vida terrena.
- Cristo, em sua parusia ou segunda vinda, trará a consumação do reino. Assim, o discípulo ora para que Deus manifeste-se rapidamente, a fim de colocar todo o universo em plena sujeição e reconhecimento público de seu senhorio.

Teu, SENHOR, é o poder, a grandeza, a honra, a vitória e a majestade; porque teu é tudo quanto há nos céus e na terra; teu, SENHOR, é o reino, e tu te exaltaste por chefe sobre todos. Riquezas e glória vêm de ti, tu **dominas sobre tudo**, na tua mão há força e poder; contigo está o engrandecer e a tudo dar força. 1Cr 29.11-12.

Reina o SENHOR. Revestiu-se de majestade; de poder se revestiu o SENHOR e se cingiu. Firmou o mundo, que não vacila. Desde a antiguidade, está firme o teu **trono**; tu és desde a eternidade. Sl 93.1-2.

Porém a tua casa e o teu reino serão firmados para sempre diante de ti; teu trono será estabelecido para sempre. 2Sm 7.16.

Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz; para que se aumente o seu **governo**, e venha paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, para o estabelecer e o firmar mediante o juízo e a justiça, desde

agora e para sempre. O zelo do SENHOR dos Exércitos fará isto. Is 9.6-7.

Se, porém, eu expulso demônios pelo Espírito de Deus, certamente **é** **chegado** o reino de Deus sobre vós. Mt 12.28.

E, então, virá o **fim**, quando ele entregar o reino ao Deus e Pai, quando houver destruído todo principado, bem como toda potestade e poder. Porque convém que ele reine até que haja posto **todos** os inimigos debaixo dos pés. O último inimigo a ser destruído é a morte. 1Co 15.24-26.

Aquele que dá testemunho destas coisas diz: Certamente venho sem demora. Amém. **Vem**, Senhor Jesus. Ap 22.20.

Implicações da Segunda Petição

Diante de tais verdades bíblicas, podem ser verificadas nove implicações devocionais e estratégicas:

1. **Reconhecimento de nossa pecaminosidade e anseio por santificação.** A segunda petição nos humilha quando confessamos abertamente que o Reino de Deus ainda não chegou até nós, que *ainda somos pecadores*, longe do lar do nosso Pai.
2. **Destruição do domínio do mal.** A segunda petição denota luta espiritual. O discípulo pede ao Senhor que esmague o poder do maligno e firme, em sua vida, família, igreja e todo o mundo, Mas se a tua vontade é que prossigamos nesta miséria, outorga-nos a tua graça, a fim de que teu Reino possa começar em nós e o façamos crescer sem tréguas, enquanto reduzimos a nada o reino do demônio e o destruímos. Martinho Lutero, *obra citada*, p. 57.
3. **Propagação do evangelho.** Além disso, rogaremos que o reino de Cristo chegue ao coração dos homens — que o evangelho cubra todo o mundo. Nossos corações devem estar batendo por vidas transformadas aos pés do Senhor,
- impulsionados pelo desejo de manifestar o amor de Deus e o seu reino às pessoas que ainda não o conhecem. O Senhor Jesus nos ensina que, antes de pensar em qualquer de nossas necessidades, devemos orar por sua vinda e para que vidas se convertam a ele.
4. **Fortalecimento da liderança da igreja.** Os líderes, especialmente os oficiais, representam o reinado de Cristo na igreja. O discípulo ora para que Deus chame, capacite, proteja e sustente os líderes da igreja, a fim de que esta desfrute sempre das ordenanças sagradas.
5. **Aperfeiçoamento e purificação da igreja.** O reinado de Deus manifesta-se na purificação de seu povo. Assim, pedimos ao Senhor que leve adiante o processo de santificação entre seus eleitos.
6. **Atuação adequada das instituições civis.** A vinda do reino de Deus desdobra-se no domínio divino sobre os magistrados, autoridades e instituições estabelecidas para a manutenção da ordem social. O cristão ora para que tais estruturas sejam mantidas pelo Senhor, a fim de que o eleitos prossigam com o culto, a pregação do evangelho e a ação profética, estabelecendo, na sociedade, os valores do reino celestial.
7. **Anseio pela parusia.** A segunda petição implica no desejo pela segunda vinda do Senhor Jesus Cristo. O discípulo ora fervorosamente: “Maranata!”, *Vem, Senhor Jesus!* (1Co 15.20).
8. **Anseio pela vida eterna.** De acordo com Lutero, “o Senhor nos ensina a implorar e desejar que o seu Reino se cumpra em nós e que nos vejamos completamente livres do reino deste mundo”.
9. **Confiança na providência.** Por último, a segunda petição convida-nos a suplicar a Deus que faça o que lhe aprouver, a fim de confirmar as oito implicações anteriores. Falamos com o Deus todo-poderoso, aquele que move

céus e terra para manifestar o seu reinado sobre a criação.

Nossa Fé

O que pedimos na segunda petição?

Na segunda petição, pedimos que o reino de Satanás seja destruído e que o reino da graça seja adiantado; que nós e outros a ele sejamos guiados e nele guardados, e que cedo venha o Reino da Glória.

Breve Catecismo, pergunta 102.

Na segunda petição [...], reconhecendo que nós e todos os homens estamos, por natureza, sob domínio do pecado e de Satanás —, pedimos que o domínio do mal seja destruído, o Evangelho seja propagado por todo o mundo, os judeus chamados, e a plenitude dos gentios seja consumada; que a igreja seja provida de todos os oficiais e ordenanças do Evangelho, purificada da corrupção, aprovada e mantida pelo magistrado civil; que as ordenanças de Cristo sejam administradas com pureza, feitas eficazes para conversão daqueles que estão ainda nos seus pecados, e para confirmação, conforto e edificação dos que estão já convertidos; que Cristo reine nos nossos corações, aqui, e apresse o tempo de sua segunda vinda, e de reinarmos nós com ele para sempre; que lhe apraza exercer o reino de seu poder em todo o mundo, de modo que melhor contribua para estes fins.

Catecismo Maior, pergunta 191.

Conjuro-te, perante Deus e Cristo Jesus, que há de julgar vivos e mortos, pela sua manifestação e pelo seu reino: **prega** a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não.
2Tm 4.1-2.

O Espírito e a noiva dizem: Vem! Aquele que ouve, diga: Vem! Aquele que tem sede venha, e quem quiser receba de graça a água da vida.
Ap 22.17.

A Terceira Petição:

“Faça-se a Tua Vontade, Assim na Terra Como no Céu”

A terceira petição fala da “vontade” de Deus, que possui duas dimensões, a vontade divina na providência e a vontade divina revelada nas Escrituras.

A Vontade Divina na Providência

Essa vontade é articulada na doutrina da providência: Deus governa sobre tudo o que acontece; *cada*

detalhe da história — inclusive os fatos aparentemente ilógicos e que provocam sofrimento — se encaixa em um plano divino perfeito. Essa vontade é, assim, por muitas vezes, *misteriosa*. Não temos como entendê-la plenamente, mas somos convidados, pela fé, a reconhecer nossa finitude e confiar no Senhor da história, amando-o, adorando-o e servindo-o em qualquer circunstância, depositando em suas mãos nossas vidas e nossos destinos.

Para que se saiba, até ao nascente do sol e até ao poente, que além de mim não há outro; eu sou o SENHOR, e não há outro. Eu formo a luz e crio as trevas; faço a paz e crio o mal;⁶ eu, o SENHOR, faço **todas** estas coisas. Is 45.6-7.

Lembrai-vos das coisas passadas da antiguidade: que eu sou Deus, e não há outro, eu sou Deus, e não há outro semelhante a mim; que desde o princípio anuncio o que há de acontecer e desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; que digo: o meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha **vontade**; que chamo a ave de rapina desde o Oriente e de uma terra longínqua, o homem do meu conselho. Eu o disse, eu também o cumprirei; tomei este propósito, também o executarei. Is 46.9-11.

Sabemos que todas as coisas **cooperam** para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu **propósito**. Rm 8.28.

Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a **boa**, **agradável** e **perfeita** vontade de Deus. Rm 12.1-2.

6 O “mal” a que se refere Is 45.7 não é o mal moral ou pecado, mas o *sofrimento*. A palavra do profeta refere-se à desgraça advinda das “realidades políticas que Ciro iria perturbar, ao cumprir o Conselho de Deus” *Bíblia de estudo de Genebra*, p. 838-839.

Ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto na vide; o produto da oliveira minta, e os campos não produzam mantimento; as ovelhas sejam arrebatadas do aprisco, e nos currais não haja gado, todavia, eu me **alegro** no SENHOR, **exulto** no Deus da minha salvação. O SENHOR Deus é a minha **fortaleza**, e faz os meus pés como os da corça, e me faz andar altaneiramente. Hc 3.17-19.

Nossa Fé

Pela sua muito sábia providência, segundo a sua infalível presciência e o livre e imutável conselho da sua própria vontade, Deus, o grande Criador de todas as coisas, para o louvor da glória da sua sabedoria, poder, justiça, bondade e misericórdia, sustenta, dirige, dispõe e governa todas as suas criaturas, todas as ações e todas as coisas, desde a maior até a menor. Confissão de Fé de Westminster, 4.1.

A Vontade Divina nas Escrituras

Deus revelou, nas Escrituras, mandamentos que expressam sua vontade objetiva. Nesse sentido, a Bíblia contém tudo o que necessário para orientar nossa crença e procedimentos. Essa vontade pode ser plenamente conhecida à medida em que o cristão lê, estuda, medita e ouve a Escritura. O discípulo aprende sobre a bondade de Deus e exercita-se na santidade prática enquanto desfruta da Palavra como meio de graça, obedecendo aos seus ensinamentos.

Vontade "Misteriosa" e Vontade Revelada

Em suma, não é possível conhecer todos os mistérios da vontade de Deus na providência, mas é possível descobrir toda a vontade de Deus revelada objetivamente na Bíblia (seus mandamentos).

O desejo de conhecer os detalhes do futuro (serei bem-sucedido se mudar-me para São Paulo? Serei feliz no casamento?) *não é cristão*. O discípulo maduro entrega o futuro a Deus e descansa nesse fato: O Senhor, bom e fiel, cumprirá, em sua vida, um plano perfeito. Enquanto descansa na fé, o crente obedece ao Altíssimo, dia após dia. No céu, os anjos eleitos não precisam entender todos os detalhes

dos planos de Deus, eles apenas *obedecem*. Aqui na terra, a vontade do Senhor deve ser encarada nos mesmos termos.

Isso é fundamental para que o crente não utilize a doutrina da providência como desculpa para a acomodação diante do pecado. Se por um lado a Escritura ensina que o Senhor domina sobre todos os fatos, por outro, insiste para que obedeçamos aos mandamentos de Deus.

É preciso salientar que os anjos e homens eleitos aceitam, obediente, pronta e alegremente, a vontade de Deus. Satanás, os anjos caídos e os homens destinados à perdição, são dobrados involuntariamente (forçosamente, de má vontade) à vontade divina na providência, enquanto rebelam-se contra a vontade objetiva revela nos mandamentos.

Por esta razão, também nós, desde o dia em que o ouvimos, não cessamos de orar por vós e de pedir que transbordeis de **pleno conhecimento** da sua **vontade**, em toda a sabedoria e entendimento espiritual. Cl 1.9.

Agrada-me fazer a tua **vontade**, ó Deus meu; dentro do meu coração, está a tua **lei**. Sl 40.8.

Ensina-me a fazer a tua vontade, pois tu és o meu Deus; guie-me o teu bom Espírito por terreno plano. Sl 143.10.

Entrega o teu caminho ao SENHOR, **confia** nele, e o mais **ele fará**. Fará sobressair a tua justiça como a luz e o teu direito, como o sol ao meio-dia. Sl 37.5-6.

Não andeis **ansiosos** de coisa alguma; em tudo, porém, sejam conhecidas, diante de Deus, as vossas petições, pela **oração** e pela súplica, com **ações de graças**. E a **paz** de Deus, que excede todo o entendimento, guardará o vosso **coração** e a vossa **mente** em Cristo Jesus. Fp 4.6-7.

Implicações da Terceira Petição

A terceira petição é rica em implicações devocionais. Quando pedimos "faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu", afirmamos:

- A aceitação alegre da providência.

- Nossa obediência à vontade objetivamente revelada.
- Nossa disposição para obedecer com prontidão e alegria.
- Nosso desejo de que outras pessoas venham, do mesmo modo, conhecer a Deus, submetendo-se à sua vontade.

Essa petição é um desafio à fé e um chamado à alegria devocional. O discípulo maduro e reprodutivo caminha com Deus louvando-o em qualquer situação.

O Senhor observa todas as nossas paixões e descontentamentos pecaminosos. Não há sequer um olhar de ódio, inveja ou enfado que escape ao seu olhar vigilante. Matthew Henry, *Comentário bíblico*, p. 19.

Como afirmou Lutero, o nosso coração por si mesmo, não deseja fazer a vontade de Deus, por isso devemos ser humilhados por essa petição e nos conscientizar de que não há nada mais horrível, do que o não cumprimento da vontade divina e o desprezo pelos seus mandamentos. Essa petição nos ajuda a aniquilar o velho homem que ainda habita em nós, e a maldade da nossa vontade. Orar “faça-se a tua vontade” é orar contra nós mesmos e a ver o nosso coração como nosso pior inimigo.

Oh, Pai Celestial, não me deixes cair na tentação de fazer a minha vontade. Quebrante-a, desdenhe-a. Suceda comigo o que quiser; não se faça a minha vontade, e sim somente a tua. Porque no céu tampouco há vontade própria alguma, e assim deveria ser também na terra. Esta petição da mesma maneira o seu cumprimento, magoa muito a natureza humana; pois a vontade própria, é o mal profundo e maior em nós e nada apreciamos tanto como essa vontade. Por isso, esta petição unicamente aspira à cruz, ao martírio, às inconveniências, ao sofrimento e tudo aquilo, enfim que serve para transtornar nossa vontade. Martinho Lutero, *Pai Nosso*, p. 74

Por último, a terceira petição pode parecer estranha para aqueles que enxergam a oração como meio de mudar os propósitos de Deus. Os que aceitam a soberania divina, porém, aprendem a orar “Senhor, reina como

queres reinar, faze toda a tua vontade, aqui, como é feita nos céus”. Quando oramos assim, Deus alinha nossas mentes, sentimentos e vontade ao seu santo querer.

Dar-lhe-eis um só coração, espírito novo porei dentro deles; tirarei de sua carne o coração de **pedra**, e lhes darei coração de **carne**. Ez 11.19.

Bendizeis ao Senhor todos os seus anjos, valorosos em poder, que executais as suas ordens, e lhe obedeceis à palavra. Bendizeis ao Senhor todos os seus exércitos, vós ministros seus, que **fazeis** a sua **vontade**. Sl 103. 20,21.

Nossa Fé

O que pedimos na terceira petição?

Na terceira petição, reconhecemos que por natureza, nós e todos os homens somos inteiramente incapazes de, e indispostos a conhecer e fazer a vontade de Deus, e propensos a rebelar-nos contra a sua palavra, a desanimar, a murmurar contra sua providência, e inteiramente inclinados a fazer a vontade da carne e do diabo, pedimos que Deus, pelo seu Espírito, tire de nós e dos outros, toda a cegueira, fraqueza, indisposição e perversidade do coração, e pela sua graça nos faça capazes e prontos para conhecer, fazer e submeter-nos à sua vontade em tudo, com humildade, alegria, fidelidade, diligência, zelo, sinceridade e constância, como os anjos no céu. Catecismo Maior, pergunta 192.

Conclusão

De modo especial, o Pai Nosso nos coloca diante das prioridades de Jesus. Em primeiro lugar, temos de conhecer a Deus — *quem ele é e como age* em nossas vidas. Depois, precisamos ser por ele atraídos ao ponto de amá-lo, *apreciando tudo o que procede dele*. Isso altera nosso centro de motivações, de forma que nos tornamos *apaixonados por sua santidade, reino e vontade*. É sobre isso que o Senhor Jesus trata no prefácio e três primeiras petições do Pai Nosso.

A oração coloca-nos diante do portal da graça divina:

Aprouve a Deus colocar a oração como antecedente da concessão da misericórdia; e aprouve-lhe também conceder misericórdia, em consequência

à oração, como se ele fosse persuadido pela oração. Jonathan Edwards, *sermão O Altíssimo, Um Deus Que Escuta Orações*, pregado em 1735.

É nesse sentido que a oração é meio de graça. Percebamos, porém, que tal graça não é para uso egoísta. A graça altera o eixo de nossas existências, tornando-nos servos de Cristo, amantes da pureza, do governo e da vontade do Senhor.

Fique Alerta

Cuidado para o Pai Nosso não seja, em sua boca, mera repetição. Há tesouros escondidos em cada petição. Cabe a você, iluminado pelo Santo Espírito, cavar e descobrir cada uma dessas preciosidades.

Para Memorizar

“Senhor, ensina-nos a orar”. Lc 11.1.

Perguntas

1. Este estudo apresenta diversas verdades acerca da pessoa de Deus. Qual ou quais verdades sobre Deus foram mais destacadas para você? Por quê?

2. Observe que as primeiras petições do Pai Nosso começam com Deus — sua pessoa, reino e vontade. Por que será que o Senhor Jesus incluiu tais assuntos logo no início deste modelo de oração? **Sugestão de resposta: O Senhor está ensinando que a oração verdadeira difere da oração egocêntrica. A oração autêntica é teocêntrica, preocupa-se, em primeiro lugar, com o Senhor (e tudo o que concerne a ele). Enquanto a verdadeira oração é uma disposição para conhecer e obedecer a Deus, a falsa oração deseja apenas obter algo de Deus.**

3. Algumas pessoas andam grandes distâncias a fim de receber “oração poderosa”. De que modo o modelo do Pai Nosso contrasta com o conceito de “oração de poder”? **Sugestão de resposta: Biblicamente, a oração não possui nenhum tipo de poder. Quem possui poder é Deus, a quem oramos. A oração é simples fala, conversa com Deus. Por outro lado, a oração é meio de graça e instrumento através do qual o crente coopera com o Senhor,**

suplicando que ele realize sua vontade, destrua o mal, vindique sua santidade e atue poderosamente na história, a fim de que seu nome seja glorificado. A oração conecta o crente ao Deus todo-poderoso e, nesse sentido, transforma o discípulo, tornando-o mais sensível, faminto e sedento do Senhor e sua santidade, ao mesmo tempo em que transforma a história, acionando dispositivos da providência para realização do propósito divino.

Leitura Devocional Semanal

Dia 01. Ed 9.1-15.

Dia 02. Jó 1.1-22.

Dia 03. Jó 2.1-10.

Dia 04. Jó 40.1-42.6.

Dia 05. Sl 10.1-18.

Dia 06. Sl 13.1-6.

Dia 07. Sl 17.1-15.

Dia 08. Sl 77.

Dia 09. Is 59.1-21.

Dia 10. Is 62.1-12.

Dia 11. Is 64.1-12.

Dia 12. Is 65.1-25.

Dia 13. Is 66.1-24.

Dia 14. Jr 7.1-34.

Para Saber Mais

- ▶ *A Oração do Pai nosso*, de Martinho Lutero.
- ▶ *Breve Catecismo*, Perguntas 98-107.
- ▶ *Catecismo Maior*, Perguntas 186-196.
- ▶ *Comentário do Novo Testamento Mateus Volume 1*, de William Hendricksen, p. 456-479.
- ▶ *Estudos no Sermão do Monte*, de Martyn Lloyd-Jones, cap 35 e 36.
- ▶ *Supremacia de Deus na Pregação*, de John Piper, cap. 7.



Anotações

Oração, Vida na Presença de Deus: O Pai Nosso. As Quatro Últimas Petições

08

Objetivos para o Discipulador

- O discipulador *aprende* o modelo bíblico da oração do Pai Nosso.
- O discipulador *conduz* os discípulos, *no poder do Espírito Santo*, ao conhecimento e desfrute das verdades contidas nas últimas petições e na conclusão da oração do Pai Nosso.

Objetivos para o Discípulo

- O discípulo *aprende* o significado das quatro últimas petições feitas na oração do Pai Nosso.
- O discípulo *memoriza* a oração do Pai Nosso.
- O discípulo *ora* de acordo com os princípios estabelecidos pelo Senhor na oração do Pai Nosso.

Sugestão de passos para o encontro:

(1) Conversa inicial. (2) Leitura devocional de Lc 11.1-4. (3) Cântico do Hino 131. (4) Estudo Bíblico. (5) Oração. (6) Verificação de memorização do versículo e da oração do Pai Nosso. (7) Oração final.

Introdução

No último estudo aprendemos o que significam o prefácio e as três primeiras petições da oração do Pai Nosso. Este estudo trata das quatro últimas petições e a conclusão da oração, explorando os aspectos relevantes para nossa santidade prática.

A Quarta Petição: “O Pão Nosso de Cada Dia Dá-nos Hoje”⁷

É importante observar que nas três primeiras petições, as palavras usadas eram “teu”, “tua”, mas agora vemos o “nosso”, “nossa”. A oração do Pai possui uma estrutura semelhante aos dez mandamentos: os primeiros itens são centrados em Deus, os últimos, nas questões cotidianas dos homens.

Isso ocorre porque quando Deus atende às três primeiras petições, santificando seu nome em nós, confirmando-nos o seu reino, e

fazendo em nossas vidas a sua vontade, sentimos uma fome que não é apenas material – uma fome espiritual que só pode ser saciada por Deus.

Observemos ainda que esta oração abrange toda a vida de um discípulo. Todas as nossas necessidades estão incluídas nas próximas petições. O Deus soberano e onisciente nos ensina a pedir, confiados nas suas promessas, tal como afirma o salmista Davi: “Jamais vi um justo desamparado, nem a sua descendência mendigar pão” (Sl 37.25).

Muitos debatem sobre qual o significado dessa petição relacionada ao “pão diário”. Podemos dizer, de forma simples, que devemos pedir aquilo que é suficiente ou necessário, para suprimento das nossas necessidades, sejam elas materiais ou espirituais.

Nossa Fé

Pelo quê oramos na quarta petição? Na quarta petição, pedimos que da livre dádiva de Deus recebamos uma porção suficiente de coisas boas desta vida e gozemos com elas das suas bênçãos. Breve Catecismo, pergunta 104.

O pão era o alimento principal nas terras bíblicas. Frequentemente ele é usado além do seu sentido literal, como sinônimo da sustentação física. O vocábulo usado por Jesus é “cotidiano”, ou “diário”, que na língua grega, possui três nuances significativas:

- Ele significa um “pão substancial”, necessário, pois a palavra de Deus não nos alimenta de maneira natural. Jesus disse que aquele que come do Pão da Vida viverá eternamente. Por isso, o pão de cada dia não é apenas material mas *imortal e eterno*.
- Um segundo significado é o de “pão escolhido”, um pão especial, delicado e agradável, destinado somente aos eleitos, muito mais nobre do que um pão material. Isso aponta para o suprimento completo de nossas necessidades

⁷ Texto de Martinho Lutero Adaptado por Ivonete Silva, Revisado por Misael Nascimento.

não somente físicas, mas também espirituais.

- Um terceiro e último significado, é apoiado em um vocábulo hebreu, o chamado de “pão matutino”, um pão que se conserva para o dia seguinte. Nesse sentido, suplicamos por um pão que esteja à nossa disposição para o momento das dificuldades, um pão que temos que ter diariamente para o nosso suprimento e para evitar que, por falta dele, desfaleçamos e morramos. Podemos então afirmar que temos de aprender a lançar mão da Palavra de Deus diariamente contra todas as tentações e dificuldades. Ela é o pão que nutre e fortalece a nossa alma. O Pão da Vida, Jesus Cristo, não pode ser adquirido por nós mesmos. Assim, suplicamos “dá-nos”.

Se juntassem todos os manjares reais do passado e futuro, nenhum poderia sequer se comparar com a menor palavra de Deus. Por isso, Cristo a chama uma coisa régia, e o profeta Isaías, uma comida deliciosa, escolhida e magnífica. Martinho Lutero, *Pai Nosso*, p. 90.

Ele te humilhou, e te deixou ter fome, e te sustentou com o maná, que tu não conhecestes, nem teus pais o conheceram, para te dar a entender que **não só** de pão viverá o homem, mas de **tudo** que procede da boca do Senhor, disse viverá o homem. Dt 8.3

Afasta de mim a falsidade, e mentira; não me dês nem a pobreza nem a riqueza; dá-me o pão que me for **necessário**; para não suceder que, estando eu farto, te negue e diga: Quem é o Senhor? Ou que, empobrecido, não venha a furtar, e profane o nome de Deus. Pv 30.8,9. Portanto não vos **inquietais**, dizendo: que comeremos? Que beberemos? ou com que nós vestiremos? Porque os gentios é que procuram todas estas coisas; pois o vosso Pai celeste sabe que **necessitais** de todas elas. Mt 6.31,32.

Replicou-lhe Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: Não foi Moisés quem vos deu o pão do céu; mas o verdadeiro pão do céu, é meu **Pai** quem vos **dá**. Porque o pão de Deus é o que desce do céu e dá vida ao mundo. Então disseram: Senhor, dá-nos sempre desse pão. Declarou-lhes, pois, Jesus: **Eu sou** o pão da vida; o que vem a mim jamais terá **fome**; e o que crer em mim jamais terá sede. Jo 6.32-35.

E o meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de **suprir**, em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades. Fp 4.19.

A Quinta Petição: “E Perdoa as Nossas Dívidas Assim Como Nós Temos Perdoado aos Nossos Devedores”

Essa petição revela que somos devedores. Muitos podem questionar se é necessário pedir perdão, já que a morte vicária de Cristo já nos justificou e nos purificou de todo pecado. Aprendamos que a purificação total e objetiva da morte do Senhor deve ser aplicada em nossas vidas, porque ainda pecamos todos os dias.

Por outro lado, a convivência com as pessoas exige a prática do perdão. Deus continuamente permitirá que sejamos feridos e magoados por outras pessoas, abrindo um espaço para a vivência do amor incondicional e graça perdoadora.

A petição não indica que o perdão está baseado nos nossos méritos. Ele continua baseado no imerecido favor divino. O reflexo desse perdão é a nossa capacidade em perdoar aos nossos devedores.

Aqui somos humilhados. Reconhecemos que precisamos de perdão e, ao mesmo tempo, temos a oportunidade, de mostrar que fomos perdoados por Jesus e queremos ser como ele, perdoados aos que nos ofendem.

Cada qual é devedor de Deus e cada qual tem também um devedor. Agostinho de Hipona.

Nossa Fé

Pelo quê oramos na quinta petição?
Na quinta petição pedimos que Deus, por amor de Cristo, nos perdoe gratuitamente todos os nossos pecados, o que somos animados a pedir, porque, pela sua graça, somos habilitados a perdoar de coração o nosso próximo.

Catecismo Menor, pergunta 105.

Se **observares**, Senhor, iniquidades, quem, Senhor, subsistirá? Sl 130.3.

Tende convosco palavras de arrependimento, e convertei-vos ao Senhor, dizei-lhe: **Perdoa** toda iniquidade e aceita o que é bom; e em vez de novilhos, os sacrifícios de nossos lábios. Os 14.2.

Porque, se **perdoardes** aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará; se, porém, **não** perdoardes aos homens, as suas ofensas, tampouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas. Mt 6.15.

E, passando a fazê-lo, trouxeram um que devia dez mil talentos. Não tendo ele, porém, com o que pagar, ordenou o senhor, que fosse vendido a ele, a mulher, os filhos e tudo quanto possuía e que a dívida fosse paga. Mt 18.24,25.

Assim também meu Pai celeste vos fará, se do **íntimo** não perdoardes cada um a seu irmão. Mt 18.35.

A Sexta Petição: "E Não nos Deixe Cair em Tentaçãõ"

Essa petição nos ensina que estamos rodeados de tentações. Biblicamente, uma mesma palavra comunica as idéias de tribulação e tentação. Ambas são uma prova de fé, onde podemos responder a Deus com louvor e gratidão, aguardando na sua providência, ou rebelião e murmuração, que provoca gradativamente o nosso afastamento Dele. É nesse sentido que Lutero afirmava que existem dois tipos de tentação.

A primeira provoca o ódio, a amargura o desengano, a impaciência, a pobreza a desonra e tudo que causa dor, e Deus as envia por meio de pessoas ou até mesmo pelo próprio demônio.

A outra, proveniente de nossos

corações, é a que incita à impureza, luxúria, soberba, avareza e vaidade, e tudo aquilo que nos agrada quando se faz a nossa vontade.

Deus consente que o homem seja tentado ou provado para que o mesmo aprenda a conhecer-se e a conhecer ao Senhor. A tentação nos revela que, sozinhos, somos capazes de agir mal. Por outro lado, a graça de Deus é mais forte do que todas as coisas. Assim, aprendemos a humilharmo-nos e a glorificarmos a Deus.

Ninguém é livre de ser tentado. Porém, aprendemos que Deus é o nosso libertador. Ele não apenas nos perdoa, mas também nos livra do poder do pecado. O cristão deve atentar para não voltar a cair, pois aquele que é regenerado, não vive na prática do pecado, mas suplica e vigia incessantemente para não pecar. O discípulo faz uso dos meios de graça, especialmente a Palavra e a Oração, para fortalecer seu coração contra as tentações.

Nossa Fé

Que pedimos na sexta petição?

Na sexta petição reconhecemos que o mui sábio, justo e gracioso Deus, por diversos fins, santos e justos, pode dispor as coisas de maneira que sejamos assaltados, frustrados e feitos por algum tempo cativos pelas tentações; que Satanás, o mundo e a carne estão prontos e poderosos para nos desviar e enlaçar; que nós, depois do perdão dos nossos pecados, devido à nossa corrupção fraqueza e falta de vigilância, estamos, não somente sujeitos a ser tentados e dispostos a nos expor às tentações, mas também, de nós mesmos, incapazes e indispostos para lhes resistir, sair ou tirar proveito delas; e que somos dignos de ser deixados sob o seu poder; pedimos a Deus que de tal forma reja o mundo e tudo que nele há, subjugue a carne, restrinja a Satanás, disponha tudo, conceda e abençoe todos os meios de graça e nos desperte à vigilância no seu uso, que nós e todo o seu povo sejamos guardados, pela sua providência, de sermos tentados ao pecado; ou que, quando tentados, sejamos poderosamente sustentados pelo seu Espírito, e habilitados a ficar firmes na hora da tentação; ou quando cairmos, sejamos levantados novamente, recuperados da queda, e que tiremos dela uso e proveito santos; que a nossa santificação e salvação sejam aperfeiçoadas; Satanás calcado aos nossos pés e nós inteiramente libertados do pecado, 51 ■

da tentação e de todo mal para sempre.
Catecismo Maior, pergunta 195

Firma os meus passos na tua palavra; e não me **domine** iniquidade nenhuma. Sl 119.133.

Pois o homem não sabe sua hora. Como os peixes que se apanham com a rede traiçoeira e como os passarinhos que se prendem com o laço, assim se enredam também os filhos dos homens, no tempo da calamidade, quando **cai** de repente sobre eles. Ec 9.12.

Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito, na verdade está pronto, mas a carne é fraca. Mt. 26.41.

E o Deus da paz em breve **esmagará** debaixo dos vossos pés a Satanás. A graça de nosso Senhor Jesus seja convosco. Rm 16.20.

Não vos sobreveio tentação que não fosse humana. Mas Deus é fiel, e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças, pelo contrário, juntamente com a tentação vos proverá **livramento**, de sorte que possais suportar. 1Co 10.13

Porque a **carne milita** contra o Espírito, e o Espírito contra a carne, porque são opostos entre si; para que não façais o que porventura seja do vosso querer. Gl 5.7

Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderdes ficar **firmes** contra as ciladas do diabo. Ef 6.11.

Ninguém ao ser tentado, diga: Sou tentado por Deus; porque Deus não pode ser tentado pelo mal e ele mesmo a ninguém tenta. Ao contrário, cada um é tentado pela sua **própria** cobiça, quando esta o atrai e seduz. Tg 13,14.

Se sóbrios e **vigilantes**. O diabo, vosso adversário, anda em **derredor**, como leão que ruge procurando alguém para devorar. 1Pe 5.8.

A Sétima Petição: “Livra-nos do mal”

O mal é a última coisa de que nos distanciamos nessa oração. O mal significa a inquietude, as guerras, as pestes, as pragas, o inferno, Satanás e tudo o que atormenta o corpo e a alma. A nossa oração deve ser um incessante rogar, para que Deus nos livre do mal, sempre segundo a sua vontade.

Nesse sentido, o cristianismo, diferentemente de outras religiões, tais como o hinduísmo, não se acomoda ao sofrimento de forma determinista. Enquanto espera a consumação do reino, o cristão luta contra toda sorte de mal.

Não peço que os tire do mundo, e sim que os **guarde** do mal. Jo 17.5

“Pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém”

Não há final mais apropriado para uma oração como esta. Tais palavras estão em harmonia completa com o restante das Escrituras e nos ensinam que, uma vez concluídas nossas humildes petições, devemos voltar o nosso coração para o alto (como fizemos no início) em adoração ao Deus de todo o poder e glória, o único que pode ouvir e atender o nosso clamor. Terminamos a nossa oração da maneira que começamos, louvando ao Senhor.

A oração termina com a expressão “amém”, uma palavra hebraica que significa, “Certamente”, “Assim seja”, é uma palavra própria de fé firme, é como se disséssemos a Deus, que não duvidamos de que tudo que pedimos, será feito, não porque nós suplicamos, mas porque ele já ordenou que peçamos e nos firmou na sua promessa.

Nossa fé

O que nos ensina a conclusão da oração dominical?

A conclusão da Oração Dominical, nos ensina que na oração devemos confiar somente em Deus, e louvá-lo com nossas orações, atribuindo-lhe o reino, o poder e a glória. E

Conclusão

A você, que finalizou o estudo desse módulo, eu gostaria de fornecer duas sugestões:

Primeiro, mantenha esse livro à mão e consulte-o regularmente. Relembre sempre dos conceitos e finalidade dos meios de graça e persevere utilizando-os com regularidade. Você pode reler as lições sobre pregação, e oração aperfeiçoando os conceitos estudados e desfrutando regularmente desses poderosos meios de graça.

Segundo, use esse material para discipular outra pessoa. Você foi constituído por Cristo como um evangelista, recebendo a nobre incumbência de fazer discípulos. Essas páginas contêm doutrina bíblica sólida, rica e equilibrada, necessária para formar caráter e vida profunda com Deus. Ore suplicando que Deus o capacite para a tarefa e lhe mostre uma pessoa para testemunhar, quem sabe alguém que está começando a frequentar a igreja, ou, talvez, um familiar ou colega de estudos ou trabalho. Faça contato e inicie os estudos.

No próximo módulo você aprenderá mais sobre a vivência da mutualidade e disciplina, meio de graça subjetivo, valioso para o crescimento espiritual.

Minha oração é que sua vida seja abençoada com a aplicação de tudo o que você estudou e outras pessoas sejam alcançadas pelo poder do Espírito Santo, agindo através de você.

Fraternalmente, em Cristo.

O autor.

Bibliografia

- BERKHOF, Louis. *Teologia sistemática*. 2ed. Trad. Odayr Olivetti. São Paulo, Cultura Cristã, 2001. 720 p.
- BONHOEFFER, Dietrich. *Orando com os Salmos*. Trad. Martin Weingaertner. Curitiba, Encontrarão Edirora, 1995. 94 p.
- CALVINO, João. *As institutas ou tratado da religião cristã. Volume 2*. Trad. Waldyr Carvalho Luz. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1989. 445 p.
- CARSON, D.A. *A Exegese e Suas Falácias: Perigos na interpretação da Bíblia*. São Paulo, Edições Vida Nova, 1992. 143 p.
- _____. *Comentário à Sagrada Escritura: Novo Testamento. Efésios* Trad. Valter Graciano Martins. São Paulo, Parakletos, 1998. 200 p.
- CHAMBERLAIN, W. D. *Gramática exegética do grego neotestamentário*. Trad. Waldyr Carvalho Luz. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1989. 261 p.
- CULTURA CRISTÃ (ed.). *A confissão de fé de Westminster*. 17ed. São Paulo, Cultura Cristã, 2001. 237 p.
- _____. *O breve catecismo de Westminster*. 2ed. 2imp. São Paulo, Cultura Cristã, 2003. 92 p.
- _____. *O catecismo maior de Westminster*. 12ed. São Paulo, Cultura Cristã, 2002. 314 p.
- FEE, Gordon e STUART, Douglas. *Entendes o que Lês?* São Paulo, Edições Vida Nova, 1998. 329 p.
- JANSE, J. C. *La confesión de la iglesia: Comentario al catecismo de Heidelberg*. 3d. Trad. Juan T. Sanz. Países Bajos, Fundación Editorial de Literatura Reformada (FELiRe), 2000. 198 p.
- HARRIS, R. Laird, ARCHER JR., Gleason L e WALTKE, Bruce K. (Org). *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. Trad. Márcio Loureiro Redondo, Luiz A. T. Sayão e Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo, Vida Nova, 1998. 1789 p.
- HENDRICKSEN, Willian. *Comentário do Novo Testamento: Mateus — Volume 1*. Trad. Valter Gracino Martins. São Paulo, 2001. 719 p.
- HODGE, Charles. *Teologia sistemática*. Trad. Valter Gracino Martins. São Paulo, Hagnos, 2001. 1711 p.
- HOUSTON, James. *Orar com Deus*. Trad. João Bentes. São Paulo, Abba Press, 1997. 320 p.
- LOPES, Augustus Nicodemus. *A Bíblia e Seus Intérpretes*. São Paulo, Cultura Cristã, 2004. 287 p.
- LUTERO, Martinho. *A Oração do Pai Nosso*. São Paulo, Aste, s/d
- LLOYD-JONES, Martyn. *Estudos no Sermão do Monte*. São Paulo, Editora Fiel, 2001. 606 p.
- PIPER, John. *Supremacia de Deus na pregação: Teologia, estratégia e espiritualidade no ministério de púlpito*. Trad. Augustus Nicodemus Lopes. São Paulo, Shedd Publicações, 2003. 107 p.
- SPURGEON, Charles. *Oração Eficaz*. São Paulo, Editora PES. s/d. 22 p.
- STOTT, John. R. W. *Crer Também é Pensar*. São Paulo, ABU Editora, 1986. 59 p.
- ZURK, Roy B. *A interpretação bíblica: Meios de descobrir a verdade da Bíblia*. Trad. Cesar de F. A Bueno, São Paulo, Edições Vida Nova, 1994. 356 p.

Formação de Discipuladores. As Ferramentas do Discipulador

WALTKE, Bruce et al. (Ed.). *Bíblia de estudo de Genebra*. São Paulo e Barueri, Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. 1728 p.

Site monergismo: www.monergismo.com



